



UnB
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE QUÍMICA

Milena Rocha Santos

**INCLUSÃO DE ESTUDANTE DPA NO ENSINO SUPERIOR:
UMA AUTONARRATIVA – REFLEXÕES E PROPOSIÇÕES**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Brasília – DF

2.º/2020



UnB
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE QUÍMICA

Milena Rocha Santos

**INCLUSÃO DE ESTUDANTE DPA NO ENSINO SUPERIOR:
UMA AUTONARRATIVA – REFLEXÕES E PROPOSIÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso em Ensino de Química apresentado ao Instituto de Química da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Química.

Orientador: Ricardo Gauche
Coorientador: Ernesto Nunes Brandão

2.º/2020

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho, primeiramente, a Deus e a toda a minha família e à comunidade acadêmica que através de diversos trabalhos me deram o embasamento científico para que alcançasse os meus objetivos e aos meus amigos que se tornaram essenciais durante toda a trajetória, pois sem eles eu não estaria aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom de existir, agradeço.

Agradeço aos meus pais e irmãs que, mesmo de longe, sempre foram presentes durante essa jornada.

Agradeço ao meu ilustre orientador, Ricardo Gauche, por toda a paciência e compreensão e por tudo que aprendi com ele pelo caminho.

Agradeço ao meu Coorientador, Ernesto Nunes Brandão, por todos os momentos que me apoiou dentro do curso e com o desenvolvimento do trabalho.

Agradeço imensamente à minha amiga Ádma Sarah Boiba Martins, que sempre esteve presente e apoiando-me com palavras significativas.

Agradeço à Acácia Araújo de Assis que, mesmo nos momentos mais difíceis, sempre acreditou em mim.

Agradeço à professora Ingrid Távora, pois sem ela, eu teria desistido de continuar no curso, mas que, através da sua dedicação e inspiração, por mais de uma vez, me fez acreditar em mim mesma.

Agradeço à professora Hipácia que foi a verdadeira inspiração pela minha escolha de fazer Química.

Agradeço à minha parceira e companheira Eliza Adriane Braga da Silva, por estar ao meu lado quando eu mais precisei.

Agradeço ao Daniel Silva Carvalho da Cunha, que sempre que eu ligava e dizia preciso de algo, ele se fazia presente.

Agradeço à professora Luciana da Cruz Machado da Silva por me mostrar que ao assumir que eu tenho o DPA (Distúrbio do Processamento Auditivo), ele se tornaria meu aliado em poder ajudar outras pessoas que passam pelas mesmas ou maiores dificuldades que eu.

Agradeço ao Jânio Evangelista dos Santos, por me socorrer e sempre se importar comigo durante toda essa trajetória.

Agradeço à professora Maria José, que me mostrou porque vale se dedicar ao que se acredita e me fez ver que quando um professor que se importa, a diferença é significativa na vida do aluno.

Agradeço, imensamente, à professora Patrícia Lootens Machado, por ter me dado a oportunidade de me descobrir e me reinventar através do Pibid.

Agradeço à professora Joice Aguiar Baptista, criadora de sonhos, pois se hoje eu tenho certeza do que realmente eu amo fazer, mesmo com todos os desafios, agradeço pela oportunidade de acrescentar com o melhor programa que já existiu na licenciatura de autoria da mesma.

Agradeço à UnB, por todos os desafios encontrados e pela força diante de tantas lutas para chegar ao objetivo.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Capítuo1: Fundamentação Teórica.....	10
3. Capítuo2: Metodologia.....	20
4. Capítuo3: Narrativas sobre a minha trajetória.....	23
5. Capítuo4: Análise.....	64
6. Considerações Finais.....	65
7. Referências.....	68

RESUMO

O presente trabalho discute as narrativas de uma pessoa com DPA (Distúrbio do Processamento Auditivo Central), as dificuldades de conseguir o seu espaço dentro da UnB (Universidade de Brasília) e as possibilidades de superar os obstáculos por ela encontrados mesmo que, para isso, ela precise reaprender a pensar de uma forma diferente para que consiga alcançar os almejados resultados que a Universidade, juntamente com os professores, impõe ao processo ensino aprendizagem. Diante dessa trajetória, nada pode definir melhor o que é ter DPA do que uma frase especial do cientista Isaac Newton: “Se consegui chegar tão longe é porque apoiei em braços de gigantes”. O caminho é muito árduo, mas a partir do momento em que eu me percebi como alguém diferente e que, para conseguir alcançar os meus objetivos, eu precisava acreditar em mim mesma, pois outros estudantes como eu acreditavam e precisavam de uma pessoa para ter uma representatividade. Então, hoje, quando surge a palavra inclusão é necessário acreditar que, mesmo através de um sistema de ensino seja na escola, seja na Universidade, é necessário transpor barreiras para se alcançar os objetivos.

Palavras-chaves: Aprendizagem, Distúrbio do Processamento Auditivo(DPA), Universidade.

INTRODUÇÃO

A Inclusão de alunos com deficiência se configura como uma problemática relevante em todas as etapas da educação. Esse trabalho tem como objetivo de pesquisa, e como contribuição, debater sobre problemas dos alunos com diagnóstico de DPA que entram no ensino superior e como são as condições apresentadas por esse sistema, para acolhimento desses estudantes em um curso de Licenciatura em Química na Universidade de Brasília.

A Inclusão é uma dimensão complexa dentro da Universidade de Brasília, e, diante do nosso país com tais retrocessos que vem acontecendo em vários aspectos das políticas públicas, incluindo educação, mesmo com o Estatuto da pessoa com deficiência (BRASIL, 2015) que já enfrentava problemas na execução, pude vivenciar, enquanto graduanda, algumas das dificuldades do processo de inclusão na Universidade de Brasília dentro do curso de Química. Esse trabalho parte da minha vivência e experiência pessoal dentro da Universidade. Nele, compartilho todos os desafios no enfrentamento desse problema.

Para fazer isso, o trabalho está estruturado da seguinte maneira: (1) fundamentação teórica, onde trago sobre o que é DPAC, a produção desse diagnóstico e os impactos no aprendizado; (2) a metodologia, que concerne numa cartografia da minha própria trajetória como pessoa com DPA na Universidade juntamente com as narrativas de alguns tutores; (3) análise, trazendo reflexões sobre as possibilidades de adaptação do ensino e das estruturas educativas institucionais a partir do que foi apresentado.

A metodologia que concerne no relato da minha experiência pessoal, como estudante e como monitora, com DPAC, partindo do processo de descoberta, após as várias reprovações na mesma disciplina, os vários desafios pessoais e institucionais, toda a burocracia exigida para poder fazer parte dos programas como o PPNE (Programa de Apoio Às Pessoas Com Necessidades Especiais), tendo acompanhamento de alguns profissionais que, mediante a algumas situações servem de mediadores, para alguns professores que não aceitam determinadas sugestões feitas como forma de tentar me incluir nas dinâmicas de sala de aula, de como é ser uma aluna que tem tal deficiência, como se integrar em meio a um sistema em que ser diferente se torna tão complicado, como se adequar em um meio hostil, onde você é representada pela nota que se tira em uma prova e não pelo conhecimento adquirido ao longo dos semestres.

Esclarecer que existe dentro de algumas leis não específicas que, no processo de Inclusão, o DPA é aceito, porém na Universidade de Brasília se o seu problema for unicamente o DPA, o aluno não tem direito a fazer parte do PPNE e, principalmente, por saber de todas as dificuldades encontradas para uma pessoa que tenha esse problema, a necessidade de olhar diferenciado, não necessariamente um olhar de achar que aquele aluno não aprenda de forma diferente, mas de desafiar e mostrar que ele pode enfrentar os seus problemas e superá-los.

Ao longo do curso, quando os desafios iam aparecendo, aprendi que todas as minhas evoluções foram superadas à medida que fui desafiada e que acreditei em meu potencial, pois era exatamente o que eu necessitava, foi onde eu cresci, eu busquei maneiras alternativas de aprendizagem, em um curso onde suas subdivisões são praticamente cinco. Acreditar que existe apenas uma forma de aprendizagem é ultrapassado, nessa parte você aprende a reproduzir, pois se reprova uma vez não por falta de conteúdo, motivação, mas porque que se deve reproduzir o que o professor deseja, não interessa qual será o aprendizado.

Então, esse trabalho me ensinou que, para superar os desafios, primeiro é preciso reconhecer qual é o problema, mostrando através de narrativas como foi o desafio de fazer, realizar e superar todas as vezes em que acreditei que eu não conseguiria me formar dentro do curso.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desordem no Processamento Auditivo Central (DPAC)

O processamento auditivo central seria a eficiência e a efetividade com que o sistema nervoso central recebe e utiliza a informação que ouvimos, seria o desempenho das habilidades auditivas que são várias. De acordo com a fonoaudióloga Marta Mendes Morais (2016), o som é processado pelo pavilhão auricular que entra através do canal auditivo externo e passa pela orelha média. Na orelha interna, onde é recebido pelo órgão sensorial da audição, que é a cóclea. A partir daí, ele sobe para os centros auditivos centrais a partir de um nervo auditivo. Se acontece alguma alteração no desencadeamento do processo do som até o córtex, pode gerar um distúrbio no processamento auditivo.

No processo de desenvolvimento humano, o sistema auditivo precisa de estimulação para se desenvolver. Então, não necessariamente, uma pessoa, ao nascer, tenha o distúrbio, mas existem fatores congênitos que podem ocorrer ao longo da gestação, como alcoolismo, sífilis, rubéola, síndromes neurológicas que também pode desencadear em problemas.

As principais causas no Brasil são a otite média secretoras e a privação sensorial orgânica e os fatores ambientais pobres em estimulação, que seria a pouca experiência auditiva, fazendo com que o amadurecimento seja mais tardio, gerando o incorreto armazenamento fonológico das informações, do som das falas, podendo gerar alteração na construção da linguagem e da escrita assim como a produção de fala de linguagem e de escrita: uma precisa de estimulação para se desenvolver.

Uma pessoa com DPAC não obtém o diagnóstico da desordem pelo exame de audiometria, o dela é normal, ou seja, ela pode escutar tudo perfeitamente, não ter problema auditivo e mesmo assim ter DPA que só é detectado pelo exame P 300, também chamado de Potencial Evocado Auditivo de Longa Latência.

A audiometria é uma avaliação quantitativa. Ela vai pesquisar qual é o som mais baixo que o indivíduo é capaz de ouvir. Através desse exame vai ser classificado como uma audição normal, uma perda leve, moderada, severa.

Já o processamento auditivo é uma avaliação qualitativa. Essa avaliação pesquisa as variedades auditivas. Isso acarreta simulações de escutas mais difíceis que o indivíduo tem que lidar com essa dificuldade, se pesquisa se ele integra duas informações ao mesmo tempo, se ele foca a atenção no que é principal, quando envolve outros estímulos desnecessários, se

ele memoriza sequências com facilidade, se discrimina padrões sonoros como grave e agudo, por exemplo.

Os principais sintomas de DPA pioram em ambiente ruidoso. Caso o ambiente tenha diferentes barulhos, a pessoa vai ter dificuldade para se concentrar em alguma mensagem específica, por exemplo, na explicação de aula feita pelo professor, apresentando uma lentidão na compreensão da mensagem oral, dificuldade na compreensão de figura de linguagem como ironia, dificuldade na compreensão da piada. As pessoas com DPA precisam de mais pistas de entonação do que as outras pessoas.

Uma das coisas que ocorre com frequência é um entendimento equivocado da mensagem. No caso, se o interlocutor falar muito rapidamente para pessoas com Desordem no Processamento Auditivo, elas perdem informações e, assim, montam o texto com informações falantes ou trocadas. De acordo com Mendes (2016), são indivíduos que se distraem mais facilmente porque eles fazem mais esforço para ouvir. Então, eles se cansam mais rápido, ou seja, o tempo de atenção é mais curto; se o indivíduo está em sala de aula e tem que focar no que o professor está falando; se os colegas estão falando em volta, ele não vai conseguir compreender a mensagem.

Geralmente, os indivíduos que têm esse distúrbio, se estiverem minimamente confortáveis no ambiente educativo, costumam pedir pra repetir a informação em sala de aula com frequência e é uma forma que se tem de identificar, em primeiro momento, a presença de DPA, geralmente, usam muitas palavras como: “que?”, “hãh?”

Um dos sintomas iniciais é a questão da distração. Isso já pode ser uma pista de déficit no processamento e não exatamente de atenção. Também pessoas com troca na fala, algumas vezes, podem ser um sintoma sendo que, mais tarde, começa a surgir os problemas de interpretação de texto. Aos sete ou oito anos, quando se faz uma avaliação observando dificuldade na fala e na escrita questão de troca de letras na escrita e dificuldade na decodificação da leitura, quando é mais tarde 11 a 12 anos começam uma piora no rendimento acadêmico. Então mediante a uma demanda maior, elas começam a apresentar cada vez mais dificuldade.

Se não intervir nesse momento em que o impacto no aprendizado dessa criança seria menor, precisa de uma estimulação. Algumas vezes, os sintomas podem se camuflar e só surgir lá na frente. Existem crianças com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) que também têm problemas no processamento auditivo. Apesar de ser semelhante a um transtorno, é sempre diferente de uma desordem.

Sobre o DPAC, as pesquisas são relativamente novas, mas, provavelmente, ele sempre existiu. Ele é datado da década de 50, mas, aqui no Brasil, ele aparece na década de 90.

Devido à desinformação, isso atrapalha na hora do diagnóstico, mas se for encaminhado para o profissional adequado, ele é simples de ser feito.

De acordo com Amorim (ano), o bebê, na barriga da mãe, a partir da 29ª semana, já tem seu sistema auditivo pronto. Então, ele escuta principalmente a parte periférica, que é captada pela cóclea, o órgão responsável pela captação dos sons; mas a via auditiva central, que é a soma da cóclea com o córtex, onde as informações serão interpretadas, apesar de prontas, ainda precisam de amadurecimento. Esse amadurecimento, ele ocorre de forma gradual, mas só se completa aos sete ou oito anos. Ela completa o seu amadurecimento e isso progride de acordo com o estímulo que essa criança teve durante esse período. Quanto melhor a qualidade desse estímulo, melhor a criança vai ouvir, então música, brincadeiras, conversas, não deixar a criança muito na frente da TV, é muito importante, assim como a prevenção de problemas como as infecções na infância, otite média com secreção, pois isso pode acarretar em perda de audição temporária, influenciando e até causando essa desordem no processamento auditivo.

Isso tudo pode ser rápido, mas a criança está em fase de crescimento; então, pode originar uma disfunção entre uma orelha e outra. Para prevenção e obtenção de um possível diagnóstico, existe lei que garante o teste de orelhinha no nascimento, porém, o teste para DPAC é bem mais subjetivo. O ideal é se fazer os testes a partir de sete ou oito anos, pois está em uma fase mais madura, mas ainda pode ter uma questão maturacional.

Antigamente, se classificava o DPAC quanto ao grau. Hoje em dia se considera que quanto mais habilidades estiver prejudicada, alterada, mais prejudicado e alterado estará esse exame. Quanto ao tratamento, a pessoa pode ficar curada. O tratamento é feito com um fonoaudiólogo e é baseado no fundamento da neuroplasticidade, ou seja, mediante a uma estimulação eficiente consistente, esses neurônios vão se reorganizar e as conexões acabarão por serem ampliadas de acordo com o desenvolvimento do processo. Esse tratamento pode ser feito de duas formas: com um tratamento auditivo que seria de oito a doze sessões que estimula apenas as habilidades alteradas. Nessas sessões, isso seria um treinamento, um tratamento fechado; mas, também, pode ser feito na sessão fonoaudiológica em que a fonoaudióloga vai estimular essas habilidades através de estratégias auditivas e também trabalharia outros problemas como queixa de fala de linguagem, leitura e escrita. O tratamento

não é rápido, mas é eficiente e pode se notar uma grande melhora. Por ter preocupações mais serias na época, não ter tempo disponível e devido ao tratamento ser caro, eu nunca fiz nenhum tratamento.

Dicas e orientações para pais e professores: evitar frases longas com muitas informações; evitar falar próximo de TV ou rádio ligado; falar voltado para a criança de frente, mantendo contato visual; fazer com que ela repita as frases para poder avaliar se realmente entendeu. No ambiente escolar, optar que a criança sente na frente, evitando ficar ao lado da janela ou porta, devido aos ruídos. Outra estratégia importante é o professor evitar dar informações enquanto escreve no quadro, por estar de costa para o aluno, inviável acusticamente. É favorável momentos de intervalo para o aluno.

A fonoaudióloga Polianna Nogueira (2016) é uma estudiosa da área no Distrito Federal. Para ela, o conceito de DPA é aquilo que a gente faz com o que se ouve, mesmo sendo um ouvinte, é possível ter uma deficiência auditiva. Então, a queixa mais comum dos pais é que chama, chama e a pessoa não ouve e, quando se fazia o exame na criança, a audiometria dava normal.

O que de fato acontecia, nesse primeiro momento, é que ter uma audiometria normal não significa que você não possua DPA. Uma pessoa pode ouvir normal e, mesmo assim, possuir DPA e isso só é comprovado a partir do P300.

Para termos um bom processamento auditivo, espera-se algumas habilidades auditivas específicas; então, não adianta só ouvir, é necessário a compreensão daquilo que foi ouvido.

A audição é um sentido primordial. A pessoa que fala precisa, necessariamente, que a outra pessoa escute; se não, não é necessário que o outro fale. Então, a importância dos sistemas sensoriais, que são os cinco sentidos, que seriam: a visão, audição, tato, paladar e olfato.

Se existe uma dificuldade em um desses sentidos, os outros acabam sendo afetados. No caso do DPA, a pessoa pode até ouvir bem e, então, surge a necessidade de se analisar o cérebro da pessoa. Para que haja aprendizagem, é necessário a formação do sistema nervoso central e periférico da criança que seria o ouvido e o cérebro.

Precisa-se de uma atenção especial dos pais, escola e comunidade, pois pode haver uma certa agitação da criança ou jovem em local ruidoso. Por determinadas vezes, é preciso um tempo maior para que a informação aconteça. A fonoaudióloga Polianna Nogueira (2016)

cita o exemplo de um adolescente de treze anos que a mãe pediu para dar água para o irmão, ele entendeu que tinha que dar banho no irmão.

Para a pessoa com DPA, é comum a Dificuldade com quem fala rápido. A questão da entonação da voz, enunciados longos, trocas na fala, é muito comum problemas com as letras *r* e *l*. Surgindo a necessidade de percepção de diferenciação dos sons, aparecendo comumente o não reconhecimento de sons para transcrição da escrita. É preciso sondar se houve compreensão na escuta e não dar as respostas rapidamente.

Para busca do diagnóstico, o primeiro profissional especializado seria o neuropediatra, mapeando as dificuldades e necessidades dessa criança para fazer uma pesquisa mais geral. Logo depois, é transferido para o otorrino, a audiometria para sondar possíveis perdas auditivas dessa pessoa.

A audiometria serve para dizer se a criança é capaz de ouvir de acordo com a onda sonora propagada, que chega à orelha e, a partir disso, a cóclea leva a informação para o nervo coclear e é através dele que se chega à avaliação do processamento auditivo central, seguindo um caminho até o cérebro. Por isso, se torna possível avaliar todos os centros auditivos que têm determinadas funções e, havendo alguma alteração, a pessoa que tenha o problema precisa fazer em média oito testes para se ter um resultado confiável e esses testes são realizados através da cabine.

Já a avaliação comportamental do processamento auditivo também é feita na cabine, com base em testes padronizados que seguem um protocolo internacional em American Speech-Language and Hearing Association (ASHA, 2005) foi através dele que se determinou o que deve ser avaliado para a chegada do som até o cérebro.

A perda de células ciliadas dentro da cóclea, que ocorre com o envelhecimento da pessoa, é algo irreversível; entretanto, o problema ocasionado na orelha média, geralmente, tem tratamento por isso: a investigação.

Quando se faz o diagnóstico, se avalia as habilidades auditivas que são figura fundo que é ouvir na presença de um ruído, interação binal oral, que é a localização de um som em um ambiente muito ruidoso; a resolução temporal, que é conseguir perceber intervalos mínimos entre os sons; a análise e nomeação de padrões temporais, que é grifar e nomear sons que não são verbais e integração fazer a emissão entre os dois hemisférios cerebrais.

Quando o neurologista acompanha a pessoa, ele, com certeza, busca algumas informações a mais como uma avaliação cognitiva, uma avaliação de linguagem e isso

depende da queixa que essa pessoa apresentar. Outros fatores a serem analisados é o fator de atenção, a memória, motivação e tomada de decisões.

Então, esse seria o caminho para o diagnóstico de processamento auditivo que o fonoaudiólogo também se encontra presente para determinar.

É comum que, nesses casos, a criança ou adulto tenha uma audiometria normal, mas apresenta essas determinadas queixas. Então, isso significa que essa pessoa vai ter uma dificuldade para reconhecer essa dificuldade auditiva. A nível cerebral, são necessários os dois exames.

Os tipos de alteração do processamento auditivo são três: alteração de decodificação auditiva, que seria a percepção e análise do som; alteração de prosódia, seria a alteração causada no sentido geral; dificuldade na percepção, precisa da clareza para entender e a integração auditiva, que seria a dificuldade de integração multissensorial que seria: quanto mais estímulo, menos se apreende.

Por um grande número de indivíduos ser diagnosticado com transtorno do processamento auditivo central, em vários dos testes comportamentais usados para descrever tanto dificuldade na discriminação auditiva quanto na linguagem e por passar a receber esse diagnóstico independente da natureza dos seus déficits funcionais, isso foi suficiente para o questionamento para os profissionais da validade clínica da avaliação de PAC (BELLIS,2014; NEIJEENHUIS *et al.*,2019)

De acordo com as definições descritas por Bellis (2014) e Musiek *et al.* (2005), TPAC é um transtorno na modalidade auditiva de origem neurobiológica que precisa ser demonstrado por testes sensíveis para disfunções auditivas centrais.

Como diferenciar Distúrbio de Transtorno da Aprendizagem

Em dificuldade de aprendizagem, estamos falando do sujeito que possui uma maneira diferente de aprender. Trata-se de um obstáculo, uma barreira, que pode ser de origem tanto cultural como cognitiva, e é importante o diagnóstico o quanto antes, uma vez que há consequência a longo prazo.

O Distúrbio de aprendizagem já está ligado a um grupo de dificuldades pontuais e específicas, caracterizada pela presença de uma disfunção neurológica. O cérebro, nesse caso, funciona de maneira diferente. Isso é relacionado aos neurônios de conexão. Os portadores de

distúrbio demonstram dificuldade em adquirir o conhecimento de teorias de determinadas matérias. Ele precisa de métodos diferenciados para aprender.

Transtorno são anormalidades, os padrões considerados normais são comprometidos desde as fases de desenvolvimento da criança. Ele, necessariamente, é manifestado durante toda a vida escolar do estudante. A criança com transtorno tem comprometimento no campo da leitura, escrita e matemática.

Legislações

Algumas legislações balizam o atendimento e direitos de pessoas com DPAC.

Em 19 de fevereiro de 2019, criou-se o projeto de lei número 33 que sanciona a política de diagnóstico e tratamento do Distúrbio do Processamento Auditivo Central nas redes públicas e tem como principais objetivos detectar ainda na infância para vir a prevenir e evitar grandes complicações para a população proveniente do distúrbio no Processamento Auditivo, isso fica tudo incluso no artigo 2 do projeto.

O artigo 3 que, de certa forma é muito importante, visa convênio com a rede pública juntamente com a rede particular através da Secretaria de Saúde, conforme as necessidades apresentadas para sua implementação.

De acordo com a lei, o Distúrbio do Processamento Auditivo Central (DPAC) é visto também como um transtorno do Processamento Auditivo ou doença da incompreensão. Muitas vezes diagnosticada de forma errada por ser confundida com déficit de atenção, dislexia. Esse problema pode atingir qualquer pessoa indiferente de idade e sexo.

Quando acontece dificuldade de compreensão na fala humana, a primeira suspeita é de dificuldade auditiva. Caso os exames audiométricos não apresentem alterações, é apropriada a investigação através de um exame específico de cabine, chamado de P300, que é o identificador do (DPAC). É preciso deixar bem claro que esse distúrbio não pode ser atribuído à deficiência auditiva, mas, caso os dois existam, isso pode agravar o problema.

A principal consequência do distúrbio está na dificuldade de processamento das informações, captadas pelas vias auditivas. Assim, a pessoa ouvirá claramente a fala humana, mas terá dificuldade de interpretar a mensagem, levando um tempo maior para que a informação seja processada.

É importante fazer uma avaliação de audição completa com fonoaudiólogo, incluindo testes especiais para avaliar a audição central e periférica. No caso de crianças ou adultos com certos sintomas:

Não acompanhar uma conversa com várias outras pessoas, falando ao mesmo tempo.

Nem sempre relacionar uma informação auditiva com a visual.

Tem dificuldade para identificar certos fonemas e escrevem o que entendem.

Dificuldade em aprender em ambientes ruidosos.

Inversões de letra e problema de orientação.

Distraídas.

Inferiores em decorar, caso não entendam não tem como processar.

Mudam de temas com muita facilidade.

O Estado não pode se furtar da responsabilidade em relação à saúde e educação pública, ele tem o dever de esclarecer essa doença que tanto gera dificuldades nos anos escolares e sofrimento no convívio social.

Por isso, o deputado do PSB, Gil Lancaster, surge com essa proposta de lei e pede sua aprovação.

Importante ressaltar que esse projeto de lei foi construído com encontros com diversos segmentos da sociedade civil na Sala das Sessões, em 19/2/2019, respaldando seu teor.

Declaração de Salamanca

O documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação especial, em Salamanca, na Espanha, em 1994, teve o objetivo de fornecer diretrizes básicas para a formulação e reforma de políticas e sistemas educacionais de acordo com o movimento de inclusão social.

Esse documento é considerado um dos principais documentos mundiais que visa à inclusão social, ao lado da Convenção de Direitos da Criança e da Declaração de Educação para todos, de 1990. Esses documentos demonstram uma tendência mundial inclusiva, que teve origem desde as décadas de 60 e 70.

Considerado como um documento inovador, a Declaração de Salamanca proporcionou oportunidades das mais diversas na questão da inclusão de forma significativa. No documento, é perceptível que a inclusão é para todos, respeitando suas diferenças e percebendo que vivemos em meio a uma sociedade heterogênea, onde ninguém deve ser

comparado ao outro e sim que as diferenças devem ser respeitadas ao longo do processo e o principal é que todas as crianças devem aprender juntas.

A Declaração de Salamanca, firmada em 1990, promoveu uma plataforma que afirma o princípio e a discussão da prática de garantia da inclusão das crianças com necessidades específicas. Esse documento declara a tomada de seus lugares de direito numa sociedade de aprendizagem. O documento mostra que as escolas inclusivas devem reconhecer e responder, com um olhar diferenciado, as diversas necessidades de seus alunos. Dentro das escolas inclusivas, as crianças com necessidades específicas deveriam receber qualquer apoio extra que possam precisar para que lhes assegure uma educação efetiva.

Pautando-se nas legislações citadas, é importante ressaltar que o DPAC é uma dificuldade de como a informação chega no cérebro do ouvinte. É um transtorno funcional na audição. Indivíduos com esse distúrbio, algumas vezes, têm problema na fala, dificuldade na escrita; mas, nem sempre, têm problema de leitura e na forma de se comportar. Geralmente, descoberto na infância.

Crianças e adultos, na presença de ruídos, têm grande problema de se comunicar. Sabendo que nem sempre as salas de aula são silenciosas e sim ruidosas, os problemas tendem a serem agravados, prejudicando o desenvolvimento de tarefas pelo indivíduo.

Segundo Schettini, Rocha e Almeida (2011), o Processamento Auditivo – PA ocorre desde os primeiros anos de vida, completando sua maturidade na puberdade. Qualquer alteração ou dificuldade em processar o que escuta, pode comprometer o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Desta forma, se faz necessário uma intervenção médica para investigar o desenvolvimento global da criança.

Portanto, o nosso interesse no estudo a respeito do tema é como a Universidade ampara o aluno que é diagnosticado com o Distúrbio do Processamento Auditivo Central o que, na verdade, segundo estudiosos da área, se descobriu, posteriormente, que nem todo Distúrbio do processamento Auditivo necessariamente ele acontece no lado Central do cérebro, por isso a sigla tem sofrido alterações.

O Processamento Auditivo é primordial para que o aluno tenha um bom aprendizado de acordo com o sistema sensorial, funcionando de forma satisfatória, que o indivíduo vai adquirindo conhecimento. Quando isso não acontece, é perceptível que algum fator está sofrendo interferência; nesse caso, aconselha-se que o aluno realize uns exames, entre eles, está a audiometria que tem por função avaliar o comportamento auditivo.

O DPAC tem como característica afetar as vias centrais da audição, mas, em algumas pessoas, o problema é detectado nas áreas periféricas. Essa disfunção acontece principalmente devido à demora do processamento da informação que, por muitas vezes, sofrem desvios quase como o funcionamento de um telefone sem fio, e que, às vezes, nem conseguem ser processadas. Dessa forma, o indivíduo não consegue responder ou interpretar o que foi dito, entendendo de maneira errada a mensagem recebida.

De acordo com Ademir Antônio Comerlato Júnior (2016), as habilidades que envolvem o processamento auditivo são: detecção, localização, discriminação, reconhecimento, aspectos temporais da audição e escuta com estímulos externos. O DPAC pode atingir uma ou várias dessas habilidades a depender do grau de disfunção que também só é possível detectar através de exames que avaliam o comportamento do processamento auditivo.

O DPAC é um dos distúrbios mais difíceis de ser diagnosticado. Ele é confundido com outras síndromes como TDAH, TDA, Dislexia, TEA sendo que o tratamento é bem diferenciado em comparação às demais, uma vez que o diagnóstico é aplicado de forma inadequada o problema é agravado.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

A metodologia empregada neste trabalho é qualitativa. Para fazer a pesquisa, usamos narrativas autobiográficas. Nelas, descrevo a minha vivência pessoal como graduanda em Licenciatura em Química, na Universidade de Brasília. Apresento as dificuldades vividas ao longo do processo de me graduar, sendo egressa da escola pública. Narro os enfrentamentos diante da realidade de entrar em uma universidade pública e toda a trajetória de alguém que vem de uma realidade bem difícil.

Faço esta opção, de usar minhas próprias narrativas, com o propósito de incentivar pessoas que possam enfrentar as mesmas dificuldades que eu e não desistirem de irem em busca dos seus sonhos, mesmo que não seja fácil alcançá-los.

A trajetória das narrativas mostra um estudo de caso. Nelas, serão apresentadas diversas situações de um processo complicado, cheio de desafios, em que, baseado em um esboço de um método cartográfico, resultaria em um diálogo com base em Deleuze e Foucault. Esses autores usam estratégias de análise crítica. Eles buscam, pela reflexão, uma visão mais objetiva do processo, mostrando, através da resistência em relação àquilo que é produzido e que o indivíduo se assujeita para superar as perspectivas.

O mapa é aberto é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado reversível adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo uma formação social. Pode-se desenhá-lo em uma parede, concebê-lo como uma obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas (...) Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que sempre volta ao mesmo (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p22).

Em uma conferência em 1967, quando Foucault retrata a dificuldade de tratar a história com o problema da historicidade e a problemática dos espaços sem excluir, evidentemente, o que ocorreu ao longo do tempo, ele defende que é necessário que a narrativa tenha relação com quem está relacionando os fatos. Devido a isto, neste trabalho, precisa haver a compreensão de que os indivíduos têm formas bem diferentes em relação à aprendizagem significativa, mas isso só se torna relevante para aquele professor que tem a percepção de que a avaliação significa muito mais que uma prova e que aquilo passa a definir seu aluno.

Quando se constitui espaços, por meio da cartografia, onde, de certa forma, se vive em espaços que não são vazios e nem homogêneos, entendemos que não existe uma utopia para se empregar (FOUCAULT, 2001).

De certa forma, quando se emprega a cartografia, o que mais interessa são as heterotopias, ou seja, que, diante do processo, a pessoa consiga um olhar crítico em decorrência da sua vivência, produzindo uma análise de descrição que mostre sua formação histórica ao longo do desenvolver do estudo sobre determinado tema, deixando uma abertura para o novo e a diferença.

A cartografia serve de instrumento para saberes e práticas, pois ela utiliza de uma atenção especial. Ronilk (1989) apresenta uma proposta de realização cartográficas sentimentais, na qual ele retrata o termo sentimentalismo no sentido de afeto, objetivando traçar diagramas de afetar e ser afetado por determinada situação. Então, o que o cartógrafo busca, por meio dos fatos, é uma forma de contar a realidade para que possa realizar o seu trabalho, sem ser vítima de preconceito. A pessoa tem que ser vista como alguém aberta a novas possibilidades, disposta a percorrer novos trajetos e caminhos que se apresentam como possíveis, mesmo com uma visão estrangeira.

Também se torna importante observar a visão do escritor, que não se remete unicamente a sua própria realidade, mas a uma observação mais profunda, que remete a estéticas coletivas, as quais estamos sujeitos a encará-las, ou da qual somos o sujeito. Nesse caso, a resistência se torna a crítica e como podemos superar os desafios e encontrar novos caminhos para novas lutas.

Esses caminhos, durante um curso de graduação, são bem árduos, mas o processo de continuar tentando e não perder a esperança é uma das batalhas mais difíceis: é saber que não é só superar mais um obstáculo, o próximo sempre será maior e mais árduo. Nessa jornada, é preciso entender que, por vezes, os únicos que irão entender sua realidade é quem está fazendo as disciplinas com você, ninguém mais.

Essas narrativas trazem uma problemática de uma pessoa que, todos os dias, tem mais um desafio a ser cumprido, em que não adianta ser bom esforçado. Por diversas vezes, nem o seu melhor é o suficiente. Existe a necessidade de superação a todos os desafios e por todos os dias da sua vida, pois, quando se aprende a conviver com o DPA, isso é para uma vida inteira, então, sempre é necessário a questão de superação.

Essas narrativas são uma forma de ajudar, com informações, o que são direitos e deveres ao longo do caminho e que é possível chegar ao objetivo, pode ser longo, mas vale a pena quando se chega ao último degrau.

A partir do meu relato pessoal e as narrativas escritas pelos tutores, dialogando com os pressupostos teóricos, podemos ter dimensão de como é difícil atingir um resultado satisfatório com demandas de aprendizagem. Estas narrativas foram solicitadas aos tutores,

por mim. Tratam-se de tutores que me acompanharam no processo de formação, sendo eles, em maioria, estudantes do curso.

CAPÍTULO 3 – NARRATIVAS SOBRE A MINHA TRAJETÓRIA

Venho de uma família muito pobre do interior da Bahia de uma cidade chamada Uibaí, uma cidade bem pequena do interior, onde as pessoas não valorizam tanto o conhecimento, pois existe uma cultura de que você tem que estudar, casar e, para conseguir um trabalho, como não tem concurso, você se submete às vontades da prefeitura, talvez, assim consiga um emprego.

Eu, desde muito pequena, sempre tive um pouco de rebeldia, e posso dizer que tenho uma mãe que sempre nos incentivou a buscar o conhecimento, por meio da aprendizagem. O estudo era o motivo de mudar as pessoas. Seus ideais só poderiam ser alcançados através da luta.

Em minha cidade, três professores, a partir de uma sociedade, criaram uma escola particular com o objetivo de formar seus filhos e mandarem para fora, com uma base melhor de ensino. Eram três professores, cada funcionário da escola teria direito a uma bolsa. Minha tia e madrinha era secretária e, como tal, me ofereceu essa oportunidade. Como não tinha filhos, eu seria a felizarda de ter essa oportunidade.

Quando entrei na alfabetização, tinha menos base que todos os outros alunos e uma cobrança muito grandes para que pudesse mostrar resultado. Eu me esforçava muito, por vezes, tive que ir para a casa da professora para ter ajuda extra para poder alcançar os resultados esperados. Eu superei as expectativas! Tive que me esforçar mais, porém tinha as melhores notas, nada mais do que a obrigação.

Isso perdurou até a segunda série; depois disso, a escola não tinha como manter aquele ano com alunos bolsistas. Então, voltei para a escola pública. Lá, eu tinha mais liberdade, era uma pressão menor. A pergunta a ser feita é se a escola fechou e a resposta é não. Só não funcionava a série que eu estudava.

Eu me tornei uma aluna mediana, tinha muita falta de atenção, não me comportava direito, era sempre a última a terminar a tarefa, mas tinha uma atividade que eu sempre gostei de fazer que era a leitura. Através dela, eu conseguia viajar para um outro universo.

Eu tinha uma dificuldade muito grande em decorar as coisas, mas os livros, eu conseguia entendê-los e a minha memória para eles era de elefante, assim diziam. No início, quando tinha alguma dificuldade com a matemática, meu pai me ajudava. Eram muitas lágrimas, pois eu acreditava que só havia uma maneira de aprender matemática, chorava e meu pai não tinha muita paciência. Depois que aprendia, aquilo se tornava fácil e sempre

soube a tabuada de cor. Decorei ou aprendi, não sei; mas, para mim, era muito fácil. O único problema era aceitar que os números maiores, para ter uma lógica para mim, eu precisava falar em ordem decrescente. Por isso, tinha que repetir, olhando para o teto, não que eu precisasse contar telhas, mas era o sentido que se processava para meu cérebro.

Quando chegou a quinta série, teria que mudar de escola, amigos e ir em busca de novos horizontes, teria mais professores. Aí, a escola particular que eu estudei iria oferecer aquela série. Era um novo desafio sair de uma turma grande e ir estudar em uma escola com dez alunos. Tinha professores bastante rígidos, principalmente, o de matemática, mas aquilo não era um problema para mim. Ele sempre dizia que não entendia o porquê que eu sempre buscava a alternativa mais difícil para aprender, sempre havia o caminho das flores e dos espinhos e eu ia pelo caminho mais difícil.

Confesso que geometria era uma dificuldade, não porque eu tivesse dificuldade de aprender, mas aquela escadinha, que criaram para se estudar os múltiplos e submúltiplos das unidades, era uma verdadeira tortura. Por que os professores de matemática têm problema de mostrar que aquilo é só multiplicar um pelo outro?! Depois que eu descobri isso, minha vida mudou radicalmente, minha média subiu e eu não ia fazer recuperação. Era uma verdadeira vitória!

Mas existia um problema maior: eu não conseguia entender educação física. O professor nos fazia anotar e eu não conseguia decorar, de forma nenhuma, e sempre me dava mal nas provas, pois não conseguia achar um sentido e não era porque não queria ou preguiça. Como eu consigo aprender um romance inteiro, consigo resumir, pois era assim que eu fazia. Eu não tinha os livros para estudar; então, fazia uma troca com meu primo: ele me emprestava o livro, eu lia e lhe entregava meu resumo e assim fazíamos as provas e o calhorda ainda tirava a mesma nota que eu ou maior, com o meu próprio resumo!

Educação física se resolveu, quando, em uma reunião, uma colega, que tinha o mesmo problema que eu, sugeriu do professor mostrar aquilo que ele escrevia na prática, pois não fazia o menor sentido. Foi a partir daquele momento que eu percebi que não havia uma única forma de aprendizagem, que existem métodos diferentes e que ninguém é igual ou melhor: é, apenas, diferente!

Com isso, comecei a entender a técnica que era aplicada ao método de ensino. Eu conseguia, agora, descrever com precisão cada posição em um jogo de vôlei não porque o professor falou, mas por estar em uma partida. Eu gostava de futebol, mas, para minha mãe, era um esporte violento e que mulheres não podiam fazer parte. Eu era contra e jogava

escondida no time masculino sempre que podia. Passei a odiar o vôlei, pois sempre acreditei que nós, mulheres, temos poderes para fazer o que quisermos. Não importava se diziam que eu agia como homem. Nunca tive um sapato para jogar, sempre pegava emprestado das amigas. Acho que naquela época meu sonho era ter um *topper* o sapato apropriado para se jogar. Não sabia dançar. Não tinha coordenação motora ideal e bem que tentaram me ensinar. Aprendi a andar de bicicleta sozinha, não conseguia entender os comandos.

Tudo na vida parece uma infinidade de regras ou comandos que devem ser respeitados ao longo do caminho. Para andar de bicicleta você precisa sempre olhar para frente, mas como fazer isso quando a segurança que se precisa é a habilidade de confiar em si mesmo para pedalar, conseguir manter o equilíbrio e continuar de pé.

Então, fazia tudo o que eu podia de forma diferente. Quando digo isso se me refiro a facilidade que eu encontrava em entender matemática da forma mais difícil, como dizia meu professor, eu buscava o caminho das pedras. Não consigo entender tabela para unidade de medidas, mas sei qualquer tabuada de cor, não decoro fórmulas, mas entendo como elas surgiram. A história me ajuda com essa parte, gosto do pressuposto que todo mundo aprende com alguém e que através do erro várias ideias maravilhosas foram surgindo.

Eu nunca me importei com as críticas, por mais duras que fossem. Não me agradava, mas também não me definiam, conseguia harmonizar as coisas, não tinha paciência para esperar por ninguém; mesmo que errasse, tentava procurar uma alternativa.

Não tinha facilidade em aceitar a derrota. Não aprendi a nadar, tocar um instrumento, dançar, mas nunca desisti do que acreditava. Essas foram atividades que, o tempo foi passando, eu fui deixando de lado. São barreiras, quando relato isso me refiro ao que não sou capaz de fazer, como, por exemplo, dançar, mesmo achando incrível assistir a um tango. Então idealizo isso na minha cabeça, que, talvez, ainda consiga superar. Na verdade, vejo como desafios e o que me move é uma teimosia e persistência que me induz a seguir em frente, mesmo que todos tenham desistido, não por me achar superior, mas por ser diferente.

Terminei a oitava série e tinha um grupo de amigos que me seguiam. Nunca me vi como líder, mas era como em um jogo de xadrez a rainha do tabuleiro era quem conseguia unir o tipo de pessoas mais diversas que se possa imaginar, e olha que tinha apenas 14 anos! Era rebelde: falava o que pensava, achava que tinha todas as respostas, não tinha dinheiro, não era a mais bonita do grupo, mas tinha poder de persuasão. Vivia um conflito direto com meu pai, acho que por não entender naquela época o seu problema com a bebida e como ela nos afastava e para provocar comecei a beber também. Como consequência, ficava de castigo.

Sempre em questão política, eu batia boca com qualquer um; só que não via respostas naquilo que acontecia na minha cidade. Eu acreditava em mudanças e aquela política na qual unicamente uma família se beneficia; para mim, nunca foi a resposta.

Estava chegando a época de fazer o ensino médio e a escola que existia na cidade não possuía registro. Minha família não tinha condições de me mandar para estudar fora e minha tia, mais uma vez, encontrou uma saída: me mandar estudar em Brasília, vir para um lugar onde eu só conhecia meu tio e que nunca eu tinha visto sua família. Aquilo era tudo ou nada. Eu tive o poder de escolha desde aquele momento e, a partir daquilo, minha vida mudaria para sempre. Eu viria para um outro mundo, onde tudo era diferente: eu tive que crescer e amadurecer muito rápido. Eu perdi a minha liberdade por muito tempo. Vivia em uma jaula onde minha única alternativa era respeitar as regras, mesmo que não concordasse. Nessa época, era ser alguém que eu não queria ser. Acho que o momento em que eu conseguia ser eu mesma era na escola e foi lá que eu tive as inspirações que determinaram quem eu podia ser. Eu podia ter me rebelado, ter voltado para minha cidade, mas aquilo, para mim, era um verdadeiro retrocesso, assim eu enxergava.

Aqui, eu podia estudar mesmo que existisse momento para apagar a luz. Eu não podia ir na casa dos meus amigos, nem eles onde eu morava, pois a dona da casa não gostava de visitas. Eu tinha obrigações a cumprir, mesmo que nunca fosse bom o suficiente. Sabe o que é você receber dois comandos diferentes para fazer a mesma coisa e saber que, independentemente do que você fizesse, sempre haveria críticas? Eu suportava tudo calada; às vezes, desabafa com alguns amigos da sala, esses me ouviam. Era uma aluna exemplar, mas sempre ouvia que eu precisava estudar, passar em um concurso, pois vestibular não foi feito para pobre, mas era meu sonho e eu não desistiria não importava o tempo que demorasse, eu iria realizar meu propósito.

No primeiro ano do ensino médio, surgiu uma professora que nos apresentou o PAS - Programa de Avaliação Seriada, ela nos ofereceu um grupo de professores que queria nos motivar a estudar só que isso era no período contrário à escola e, nesse período, eu tinha que arrumar a casa. Eu resolvi participar, mesmo correndo o risco de ter que voltar para casa. Quando eu falo casa, significa voltar para o interior, mas eu ia mesmo com as caras feias e mal falando comigo dentro de casa, eu enfrentava. Ficava por menos tempo, mas era o que eu queria, o que me deixava feliz.

Foram anos muito difíceis, eu tinha que suportar muita coisa e aquilo me matava aos poucos. As férias, quando eu voltava para minha cidade natal, eram meu refúgio, meu porto

seguro. Eu me sentia amada! Aqueles dias, eu vivia cada segundo como se fosse o último da minha vida. Quando precisava voltar às aulas, tudo recomeçava e, como nada nunca é simples; no primeiro ano, quando montaram as turmas, me deixaram por duas semanas com uma equipe de professores, depois nos separaram por idade. Eu já estava em um lugar estranho, então precisava me readaptar novamente. Tentamos fazer alguma coisa, tentamos com recurso, criamos abaixo-assinado, porém acabou por não dar em nada, o grupo de professores era mais exigente, mas o problema são os amigos que se faz nesse período.

Eu odeio mudanças, não desisti dos meus amigos, mas me acostumei com os novos professores, a professora de arte era muito rígida, mas foi uma das melhores pessoas que eu conheci na minha vida. Como eu gostava de exatas, minhas notas eram as maiores, era quase uma competição, na escola sempre que desenvolvemos uma habilidade melhor em alguma coisa passamos a competir entre nós, por isso sempre em uma sala de aula surge as panelinhas e os grupos individualizados, os famosos *nerds* e eu sempre levei essa fama, mesmo não me importando, nunca gostei do fundão e minha paixão pela leitura sempre me fez viajar por universos alternativos sem me importar com as consequências.

A professora de química gostava do meu desempenho, mas minha verdadeira inspiração veio através da professora de biologia, que nos ajudava no período oposto com química, física e biologia, ela nunca deixou de acreditar no meu potencial e, se tem uma pessoa que eu sempre serei grata, é ela. Minha inspiração na UnB para entrar no curso: seu nome Hipácia. Ela nos ajudava a entender as provas nos dava aula do que fosse necessário e não cobrava nada por isso.

Foi a partir dela que eu percebi que, na sala de aula, o que víamos não era suficiente para passar na prova. Eu precisava de tempo e como fazer isso, se não tinha hora para estudar. Eu não podia estudar em casa e só assistir às aulas não era suficiente. Fiz a primeira e a segunda etapa do PAS, tinha nota para passar em química, se continuasse no mesmo ritmo. Agora, vinha o terceiro ano e, com ele, a formatura, vestibular, novos posicionamentos na vida, novas escolhas a serem feitas.

Naquele mesmo ano, uma bomba ruiu sobre a minha família: minha irmã estava com câncer Sarcoma de Wilmer. Ela tinha apenas 15 anos e eu 17. Muita coisa mudou para mim naquele período. Eu não tinha mais a mesma concentração, eu tinha decisões complicadas a serem tomadas e, quando meu tio descobriu que eu queria fazer química, quis me dissuadir, dizendo que aquilo não dava resultado nem dinheiro. Ele me e se perguntava: como eu iria me sustentar, fazendo esse curso?!

Como a falta de informação atrapalha, quando você não sabe das coisas. Se eu soubesse que eu poderia conseguir bolsa na UnB, eu nunca teria trocado o que eu queria e colocado farmácia, foi a decisão mais idiota que tomei em toda minha vida. Por que eu tinha que ouvir os outros?! Então, fiz assim: vestibular farmácia; mas, no PAS, fiz química e reprovei na redação. Assinei aquela bendita redação com meu nome e, por esse motivo, fui eliminada.

Eu estava tão confusa! Não conseguia mais aprender o conteúdo. O medo de decepcionar todo mundo, de não ser capaz de passar no vestibular é como se aquilo fosse tudo e provasse quem eu era. No vestibular, se tivesse colocado química, eu teria passado; como coloquei farmácia, fui reprovada.

A formatura do ensino médio, eu não iria mais participar. Meus pais não tinham como bancar aquela futilidade. Minhas amigas se ofereceram para pagar, só que, por orgulho, eu não aceitei. Particpei da festa, pois uma professora me deu o ingresso.

Como eu não consegui passar, tinha pouca coisa para fazer aqui, eu tinha que assumir o meu fracasso. Então, em um certo dia, encontro uma mãe desesperada que seu filho iria reprovar de ano, pois estava com péssimas notas em tudo! Uma amiga minha me disse o seguinte: “se alguém pode ajudar, esse alguém é você”. Eu assumi aquele compromisso. Meu tio não ficou nada satisfeito, mesmo que eu desse as aulas, após deixar a casa arrumada, mas, na hora da janta, eu não estaria lá para lavar a louça.

Eu ajudei aquele menino! Eu vi que ele não tinha problema em aprender, os professores que não aceitavam que ele era agitado. Eu consegui ajudá-lo e eu nunca, em muito tempo, me senti tão útil. Eu tenho certeza que foi graças a ele que eu vi que o meu sonho era ensinar. Já havia feito isso anteriormente com um colega que não conseguia aprender para passar na prova, mas a experiência com esse garoto, foi diferente!

Meu tio não gostou muito disso, e falou que se eu queria fazer algo mesmo precisava de um emprego de verdade. Então, recomendou que eu entregasse um currículo no mercado e foi o que eu fiz, mas os meus professores da minha cidade arrumaram um cursinho para eu me preparar para o vestibular e, se eu não quisesse voltar, eles me dariam uma bolsa. Na época do PAS, eu os ajudava com os materiais que eu tinha. Voltar também significaria que eu podia ficar um tempo com a minha irmã caçula.

Então, era o momento de retornar. Eu iria me tornar responsável por uma criança, cuidar da casa e fazer cursinho. Minha irmã era tão pequena e trabalhosa para fazer as lições de casa: ela tinha 6 anos. Minha mãe, nessa época, ficava mais tempo em Salvador, com a

minha outra irmã, em tratamento para o câncer. Mas aquilo não me desagradava, eu tinha uma rotina que eu me sentia bem: todos os dias, depois da primeira semana que retornei, recebia uma carta das minhas amigas, carta era forma de comunicação ainda, não tinha telefone lá em casa e não existia celular. Eu conseguia estudar, era muita coisa, mas eu tinha que aprender a separar tempo e me organizar.

Fiz colegas muito rápido no cursinho e logo montamos um grupo de estudo. Aquilo era bem proveitoso, pois todos tinham os mesmos interesses. Quanto às minhas amigas de Brasília, elas foram fazer cursinho no ALUB. Eu não teria como pagar, então, tinha, realmente, que estudar muito: fazer vestibular pela Bahia e em outros lugares, mesmo que meu sonho fosse a UnB.

Em Brasília, ou você almeja com ser concursado ou entrar na UnB. Minha família nunca teve alguém com formação a nível superior e, se eu fosse ter, eu queria a melhor, não importava o custo. Quando estamos fora da universidade a gente passa a considerar as pessoas que têm um curso superior como Deuses e não mero mortais, só quando entramos que percebemos que continuamos sendo os mesmos e na maioria das vezes nos tornamos complexados, passamos a ser mais solitários.

Passei poucos meses, pois meus tios ligaram dizendo que o mercado havia me chamado para trabalhar e que era uma oportunidade única; então que era melhor eu voltar, pois eu poderia pagar um cursinho e trabalhar.

Eu tinha tanto medo de falhar novamente com aquela oportunidade que me era oferecida do cursinho e com a ilusão de voltar para Brasília, trabalhar e estudar, achando que assim eu poderia ajudar financeiramente. Quanta ilusão, como é difícil trabalhar e estudar ao mesmo tempo, principalmente quando o que eles esperavam de mim é que eu fizesse cursinho para concurso, quem estava pagando era eu e eu não iria ceder à vontade dos outros.

Todos os dias, era uma crítica maior por eu ter decidido fazer cursinho pré-vestibular, que era um gasto de tempo e que não iria conseguir. Eu mal ficava em casa agora, pagava cursinho, trabalhava no período da tarde até uma hora e meia da manhã e fazia cursinho no período da manhã das sete horas e meia ao meio dia. Eu chegava no cursinho muito cansada, por vezes, só fazia dormir, mal me concentrava nas aulas e, com tudo isso, todo mundo parecia torcer para que eu fracassasse.

Ainda morava na casa dos meus tios. Eu queria me mudar, comecei a procurar um outro lugar para morar. Agora, eu já tinha 18 anos; mas, quando meu tio descobriu, não se agradou nem um pouco. Eu não aguentava mais aquela situação. Eu passei a contribuir dentro

de casa, exigência da dona da casa. Então, sair de lá teria a minha liberdade, pagaria um pouco mais, só que não precisaria mais passar por toda aquela situação.

Quando contei para minha mãe, ela exigiu minha mudança. Então, fui morar em uma república da minha cidade que já existia há muito tempo em Brasília CEUBRAS - Casa de estudante de Uibaí em Brasília. Eram pessoas da minha cidade, que vieram em busca de melhores condições, pessoas que estudavam e trabalhavam para se sustentar. Percebi que estava muito difícil conciliar trabalho e estudo. Precisava mudar de horário, já se fazia quase dois anos que eu tinha voltado, tentei o vestibular por um ano e nada, mas, como diz minha irmã: não adianta tomar cursinho, ou você estuda ou então não consegue. O termo “tomar cursinho” é usado quando temos o material, as condições e mal abrimos o livro.

Eu estava deprimida, minha irmã continuava na luta e tinha tido uma recaída, quase morreu, ficou na UTI por uma infecção generalizada na perna. Só um milagre poderia salvá-la, e foi exatamente o que aconteceu. Eu estava sozinha, minha melhor amiga, que assim eu considerava, se afastou de mim no momento em que eu mais precisava dela. Tudo isso porque ela não aceitaria conviver com uma pessoa gay, mesmo que, naquela época, eu ainda não soubesse a minha orientação sexual, mas isso e o fato de ela fazer faculdade particular, significava que ela não podia ter uma fracassada junto.

Então, eu não poderia continuar fazendo parte da vida dela. Eu fiquei muito mal por tudo aquilo, mas eu iria superar.

Fui para minha cidade visitar e rever minha irmã. Fiquei pouco tempo, mas era o que precisava, para tentar me achar novamente. Em Brasília, comecei a fazer faculdade particular de Administração. Não era o que eu queria, mas consegui uma bolsa e pagava pouco. Quase concluí, mas não era o que eu queria. Continuava trabalhando no mercado.

Ajudei a minha irmã durante esse período, era pouco mas ajudava financeiramente como podia. Comecei a sair com o pessoal do trabalho. Eram festas às madrugadas, e, durante uma dessas festas, eu decidi que era chegada a hora de voltar a correr atrás dos meus sonhos: eu me estagnei! Tinha vergonha de mim mesma. Odiava meu trabalho e a única coisa que eu queria era voltar a estudar, era percorrer o meu sonho. Eu estava com quase seis anos de empresa, fazendo algo que eu odiava e nada iria mudar a não ser que eu tentasse.

Por muito tempo, eu sentia vergonha do que eu me tornei: aquela pessoa cheia de sonhos era uma fraude! Então, decidi fazer cursinho novamente e iria entrar na UnB. As pessoas riam de mim e eu comecei: estudava no tempo que tinha, logo em seguida, fui

demitida do emprego: agora, era tudo ou nada. Três meses de estudo e consegui entrar na UnB. Você me pergunta se foi fácil: a resposta é de forma nenhuma. Eu ia para cursinho pela manhã. Levava marmita, nós comíamos lá, pagávamos 50 centavos para o rapaz guardar e esquentar as marmitas e estudávamos à tarde até às seis, de segunda a sexta; depois, pegava trânsito e ia para casa.

Na época, morava com uma colega que achava uma perda de tempo eu estudar desse jeito. Eu não ligava para as falas dela, mas, agora, eu não precisava ouvir calada. Passei na UnB! Entrei para Química – Licenciatura, mal sabia eu que aquele era meu menor de todos os desafios! Agora sim que a minha vida daria uma guinada. O desafio não é entrar na UnB e sim sair com o diploma.

Quando saiu o resultado do vestibular, eu estava na Bahia! Tinha feito a prova e viajado. Saí muito insatisfeita da prova, pois tinha achado a prova fácil, e aquilo não era um bom sinal. Nunca quis corrigir, gosto de receber o resultado geral. Viajei para a minha cidade no dia seguinte, eu não queria saber de nada. Quando era para sair o resultado final, a torre de sinal da minha cidade tinha explodido. Ficamos sem celular e internet, e não tinha como eu perguntar a qualquer um. Então, quando retornei, uma das minhas amigas me ligou várias vezes para me avisar e me parabenizar por ter passado. Eu assumi a minha vaga no último dia do prazo. Imagina chegar na UnB nos locais corretos! As pessoas lhe mandam para o lugar errado e a secretária do curso de Química, praticamente, vira para você e diz se vira e descubra as coisas.

É um mundo novo e a UnB uma selva, onde você descobre forças para sobreviver aos desafios. A recepção “calorosa”, no primeiro dia de aula, onde você chega sem a mínima ideia de onde você está sendo inserido e os professores vêm com aquele discurso animador que você terá provas constantes, ou seja, toda semana e se você não já estiver estudando o conteúdo, é melhor você ir a um bar, pois você não vai conseguir; uma prova com uma única questão ou você tira dez ou é zero e você já começa na desvantagem, quando você vai fazer o cadastro na biblioteca, seus colegas que têm computador e vieram de escola particular já têm o cadastro e já reservou os livros, então, não há mais exemplares. Você nunca teve um computador, não tem livro para estudar, tem que trabalhar, mora longe, está desempregada, ainda não conseguiu vale transporte. Tudo o que você tem certeza é que nada vai ser fácil e, sem informação, as coisas só podem ficar mais difíceis e as pessoas não estão muito propensas a ajudar. Os calouros estão bem perdidos!

Quando eu descobri sobre o processo de bolsas da UnB, as inscrições daquele edital já haviam passado e eu estava muito agoniada sem trabalho e sem bolsa! O dinheiro estava curto e eu só tinha a mim para agir. Precisava arrumar um emprego de meio período; não podia assinar a carteira, pois, se tivesse carteira assinada, não conseguiria participar de nenhum processo de benefícios dentro da UnB. À época, minha colega acabava de se mudar e as contas só aumentaram. Eu tinha que me virar, de algum jeito; então, o tempo que eu tinha para estudar era pouco. Arranjei um trabalho e logo você descobre que estudar e trabalhar na UnB não é para todos e você reprova, pois você é calouro, desinformado e sua única preocupação não é estudar.

Então, quando se fala de desigualdades, podemos começar a definir isso a partir do primeiro dia de aula! Imagina como é agradável, quando um professor entra na sala de aula e parabeniza o aluno que tirou 10, porque ele estuda! Aí, eu me pergunto: onde se emprega o contexto escolar nesse momento?! Ele mora a menos de dez minutos da faculdade. Seu pai ou avô os deixam na porta do Instituto de Química. Ele estudou na escola mais cara de Brasília, não precisa trabalhar para se manter. Mas você tem que seguir o tal exemplo, pois não importa a situação, de acordo com o sistema, você precisa se adaptar, mesmo precisando pegar dois ônibus por dia, trabalhando ao final de semana por período completo, ou seja, 12 horas, para poder comer e pagar as contas e não ter os livros. Com acesso a um computador unicamente quando chegava na Universidade que tem uma sala de computadores e saber que nada disso é levado em conta. Você descobre que a universidade não é para você; mas, agora, é só o que lhe sobrou.

O professor se importa em ter monitoria e os alunos não fazem o mínimo empenho para participar. Isso nem sempre é verdade, por diversos motivos. Às vezes, os alunos não têm esse tempo disponível.

As dificuldades encontradas no início do curso são diversas: pouco tempo para estudar, qualidade de estudo, falta de prática, pois, quando saímos da escola, pensamos que sabemos estudar, mas isso não é uma verdade! É preciso empenho e esforço! Somos massacrados como os próprios professores falam: o primeiro semestre é meio que um funil, se você conseguir passar por ele, talvez, você continue. Uma das primeiras matérias, pré-requisito para as demais, “Fundamentos da Química”, uma disciplina dividida em três partes, que não facilitava as coisas. Eram as disciplinas de Química básica. Nunca mais olharei para o nome Fundamentos e não sentirei um certo terror! Nunca vi tanto zero reunido em uma só disciplina! Não importa o esforço que você faça, nunca é suficiente. Assim, uns professores

passam um trabalho e têm que arrumar um monitor de Mestrado, pois nem os outros professores conseguem resolver as questões que o professor passa em uma lista. Então, você semimorta, precisa desenvolver essa capacidade e é preciso somar os três módulos para que a média seja cinco: não adianta passar em um módulo e nos outros não, você ficará presa naquela disciplina. É assim: quando um professor passa uma atividade para casa, valendo uma das notas, onde você acha que é capaz de alcançar a nota, ele lhe dá um seis e você não entende. Você vai procurar onde foi o seu erro e ele, simplesmente, lhe diz, “não tem erro, mas não era assim que eu queria” e fica por isso mesmo. Você aprende que, se quiser se tornar mais forte, é necessário fazer amigos e se unir por um bem maior. É triste perceber a soberba de uns professores que pegam o nome do seu colega e o expõe a cada aula para não servir de exemplo e você tem que se sentir grato, pois não é o seu! É uma situação em que o professor emprega o método e só o livro dele tem validade e se você não seguir todas as regras do livro dele, mesmo chegando ao resultado, aquilo, para ele, está errado e só depois você descobre que aquela disciplina que lhe trouxe sofrimento era módulo livre.

E aí você reprova duas vezes e entra em condição. Só quem já passou por determinada situação, sabe o quanto é difícil. Primeiro, não é difícil isso acontecer: entrar em condição no curso de Química. Você é visto como vagabundo pelos colegas que acabaram de chegar, e, assim, os professores farão questão de dar ênfase que você é um dos alunos que reprovou, às vezes, há necessidade de criar uma turma inteira de repetentes e isso ainda tem a situação do professor com quem você vai se atrever a pegar a disciplina, então, boa sorte. Se você repetiu, os professores mais difíceis são os que lhe oferecem a disciplina e, geralmente, nós, da Licenciatura, temos esse privilégio ainda: o fato de ser considerado um curso inferior por diversos professores. Os outros cursos são beneficiados com os professores considerados mais fáceis de passar.

E quando você ainda tem chance de passar na disciplina e você só precisa de um cinco, isso não é tão impossível, só que se reprovar, perde todas as bolsas. Na UnB quando você é bolsista, se for desligada, suas bolsas são todas cortadas, se você trancar o semestre e não for justificado perde as bolsas também. Já tive situações que para não acontecer, no último dia tranquei o semestre para não ser desligada.

Foi muito difícil mais tarde descobrir que o curso de Química encerrou depois do semestre da Universidade, entrar em desespero e descobrir que, em uma reunião interna, duas amigas suas, que estavam na mesma situação que você, tendo as mesmas notas, um professor resolveu passar ambas, menos você. Por que essa discriminação? Você não entende, mas os

professores os consideraram melhores; então, sua única saída é tentar conversar com o seu professor para saber o procedimento, para tentar ser religado ao curso. Primeiro, você escreve uma carta se humilhando, para pedir uma oportunidade para retomar ao curso; depois, no colegiado se você for bem visto pelos professores, você consegue uma reintegração.

O processo é demorado e muito lento, exceto se você os incomodarem todos os dias! Só que, agora, você não tem bolsa, porque é muito rápido o processo para lhe tirarem dos programas, e isso é um efeito cascata: perda de bolsa, perda de vale transporte, porque você não é mais aluno do curso; mas você precisa conseguir sua reintegração, um processo que, no geral, demora, em média, três meses, eu consegui que fosse enviado para o conselho em um mês. Assim, eu conseguiria a reintegração.

O semestre começaria novamente e eu não tinha me matriculado. Eu consegui reintegração: a professora me deu a oportunidade de fazer a disciplina novamente, mas ela não mandaria o processo. Ela tinha contato de um dos professores, mas a outra professora era nova na Universidade, então, eu precisaria pedir permissão para ela para ter direito de fazer a disciplina, avisando do processo que eu estava sendo submetida. E foi exatamente o que fiz: estaria novamente, não por escolha, mas por necessidade com os professores mais difíceis da disciplina; a novata, ninguém conhecia.

Quando eu fui desligada das bolsas, a única que eu não perdi foi a permanência, porque ninguém queria trabalhar com o professor devido ao trabalho ser um pouco pesado. Ele me deixou continuar com a bolsa porque eu trabalhava bem. Então, agora, eu ficaria o dia inteiro na universidade e o dinheiro daria de pagar o aluguel e, no final de semana, eu arrumaria algo para fazer. Eu só tinha uma disciplina, então, agora, eu precisava passar de um jeito ou outro, só que os problemas não se davam somente comigo. Nesse período, tinha um amigo que morava em um outro estado, mas não foi contemplado com as bolsas. Ele ficava o dia inteiro na universidade e só fazia uma única refeição. Se chamássemos ele para lanchar, ele não aceitava, então, comprávamos e levávamos o lanche para ele; assim, ele aceitava. Como eu sabia de sua situação, havia um professor que buscava monitores. Eu fui à sala desse professor e indiquei ele para a monitoria, pois ele já nos ajudava sem cobrar nada e foi assim que ele conseguiu a monitoria. Ele só precisou se apresentar depois e isso o ajudou muito no processo e também a ser selecionado.

Comecei a fazer a disciplina, mesmo cercada de vários empecilhos. Eu me dedicava a estudar o tempo inteiro: ia para as monitorias, fazia todas as questões do livro, as questões com resposta ou não, conseguia entender a matemática envolvida no processo. Eram seis

horas diárias de estudo! Eu perguntava e respondia qualquer pergunta que a professora fazia. No dia da prova, parecia que aquilo estava escrito no meu DNA. Eu fiz a prova com tanta segurança e qual não foi a minha decepção ao olhar a minha nota?! E ela foi a terceira maior nota da sala! Só que eu não me conformava! Quando a professora falou comigo, ela teve o maior cuidado. Ela disse que não entendia o que acontecia comigo. Ela sabia que eu entendia a disciplina, mas as minhas respostas eram certas até certo ponto. Era como se eu provasse matematicamente que essa cor é vermelha, justifico e depois coloco como verde. Então, o que ela me recomendaria era que eu buscasse uma forma de pesquisar se eu tinha algo errado através de exames, pois era muito injusto ela não poder me dar uma nota diferenciada. Ela ficou meio constrangida, mas eu me considerei grata por ela ter feito por mim o que ninguém mais fez! Ela podia achar que eu não sabia, mas ela teve uma conversa muito calorosa com meus professores anteriores e falou que, como eu passei três semestres passando por tudo isso e ninguém nunca havia percebido, que isso era ultrajante e que, nesse semestre, ninguém iria me reprovar nessa disciplina. Eu soube disso anos depois, ao acaso! Um colega contou isso sem saber que se tratava de mim. Naquele semestre, o tormento estava longe de terminar. A cobrança dos professores para que me matriculasse na disciplina, pois eu tinha sido religada e eu não tinha autonomia para tal. Eu cheguei ao meu limite, pois não queria me matricular, com medo que fosse reprovada; mas, se eu passasse, não teria nenhuma validade sem estar matriculada. Eu sabia que, naquele momento, eu conseguia passar, mas ninguém queria acreditar em mim, me mandaram para o SOU - Serviço de Orientação Universitário.

As conversas me ajudaram muito, mas não diminuía a minha ansiedade. Fui matriculada, faltando três dias para o semestre terminar. Para a prova substitutiva, poucas pessoas tinham passado e eu era uma delas. Fui fazer para aumentar a média para MS. Foi o meu 6,7 o MM que, até hoje, mais teve sabor de vitória. Passei! Só Deus sabe o que aquilo significou para mim.

O próximo semestre, eu poderia tentar recuperar as bolsas, peguei várias disciplinas. Nunca me informaram que, quando você volta, o seu período de condição é por um ano então você não pode reprovar nada. Se eu soubesse disso, eu teria colocado só disciplinas fáceis durante esse período. Então, reprovei Cálculo e Analítica. Conseguir uma segunda reintegração só é possível se você tiver um laudo para provar que tem um problema. Para conseguir o laudo, eu precisava de emprego, porque, quando pesquisei os exames, eram todos muito caros; mas eu precisava deles se eu não fosse desistir do curso. Então, pela primeira vez em muito tempo, eu pedi ajuda aos meus pais. Nessa época, eu perdi um total de oito quilos.

Cheguei a pesar 44 Kg e tudo isso por realmente passar dificuldade: o dinheiro estava escasso e eu estava debilitada psicologicamente; mas eu não podia cuidar disso, havia problemas bem maiores. Então, eu não tinha tempo para me distrair. Depressão, naquele momento, era algo banal. Fui para um trabalho na feira fazer o que mais odiava: minha imagem é o que contava. Eu fiquei por muito pouco tempo.

Tinha que me vestir para vender o produto, me maquiar ser alguém que eu não era, mas eu precisava do dinheiro, eu precisava fazer os exames e eu não desistiria dessa tentativa. Então, fiz tudo o que era preciso: eram seis meses afastada da UnB. Eu tinha muita vergonha da decepção que poderia causar às pessoas que acreditavam em mim. Eu não podia viajar, ninguém a minha volta sabia o que se passava, exceto uns poucos amigos, que me mantinham forte através da conversa, de se importarem comigo, de me ligarem.

Consegui fazer os exames e entregar para serem analisados, mas eu não aguentaria ter que passar dois semestres em condição; por via das dúvidas, fiz o ENEM por garantia. Já eram seis meses longe; no dia de voltar, para entregar o resultado para o coordenador, ele me atendeu, olhou para mim e disse: “o seu religamento foi aceito, mas eu só vou lhe reintegrar no próximo semestre”. Como assim?! Seis meses?! Eu nunca fiquei tão brava em minha vida. Eu disse: isso não vai acontecer! Eu sei que vou me ferrar entrar para um novo currículo, mas eu não vou esperar sentada por mais seis meses da minha vida, e, junto com um amigo que me acompanhava, eu falei: olha o resultado do ENEM, já deu horário, se eu conseguir, eu vou ficar com nova matrícula, vou cair no pesadelo das físicas unificadas, de quântica, mas não perder seis meses! Aí ele disse: parabéns, você passou!

Então, virei para o professor e disse: não preciso mais dessa reintegração. Se você não sabe fazer o seu trabalho, eu lhe digo como proceder: você só precisa montar o plano, quem se encarrega de levar no SAA é o próprio aluno e eu sei disso porque eu tive que passar por tudo isso; mas alguém fez acontecer. Você não tem ideia do que é seis meses para ser reintegrada e mais seis meses para retornar. Eu sei que estou lhe desafiando por conta e risco, mas é exatamente isso que eu vou fazer e quanto a você, colega, lute: eu falei para uma colega que estava na mesma situação, aguardando para resolver seus problemas ali. Tenta entrar com mandado de segurança que isso tudo é falta de vontade. Entrei com nova matrícula indignada com a UnB, com a falta de suporte que cada um tem que enfrentar durante sua trajetória.

Consegui, nesse mesmo período, passar no vestibular da UnB e uma bolsa na Católica para Biomedicina. Eu resolvi testar para ver no que dava! Eram oito ônibus por dia. Arranjei um emprego, pois teria que mudar todo meu processo da UnB, pois era nova

matrícula. A assistente social foi exonerada e, junto com ela, meu processo desapareceu! É nada para mim! Nunca se tornava mais simples, ao mesmo tempo em que eu estava adorando o curso na Católica, eu odiava o meu curso na UnB e iria chegar o momento em que teria que fazer uma escolha Química ou Biomedicina. Falei com minha mãe. Foi a única vez que ela implicou e me disse umas verdades: escolheu, agora aguenta! Você não vai desistir de um curso na UnB. Eu precisava me reencontrar: achar porque aquilo ainda valia a pena e foi por isso que fiz a entrevista para o Pibid. Foi através dele que eu entendi que o meu ódio não era pelo que eu queria fazer e sim pelo processo que eu estava inserida.

Para conseguir fazer parte do PPNE, os laudos que eu apresentei só tiveram validade para o regresso na Universidade. Eu tinha comprovado meu DPA, mas isso não significava uma vaga para mim no PPNE. Para ter direito, eu precisava provar que era surda com um laudo de um otorrino com CID. Nesse momento, eu já não tinha de onde tirar dinheiro! Eu gastei mais de 2000 reais com essa brincadeira: como eu conseguiria mais dinheiro?! O jeito era recorrer à UnB. Eu não consegui ajuda! Em uma conversa com uma psicóloga do SOU, que ficou indignada com a situação, ela fez uma ligação, pois ela tem um filho surdo, e me encaixou em uma consulta que não existia vaga, porque ela me deu uma indicação e só assim eu consegui atendimento.

Narrativas sobre mim e o DPA

Eu, como futura professora, estou terminando o curso de licenciatura, na Universidade de Brasília, um curso cheio de desafios e de ensinamentos, um curso que, por diversas vezes, me fez repensar se realmente valeria estudar Química. Quando eu fui desligada da Universidade de Brasília, por inúmeras vezes, eu cheguei a questionar minha capacidade para lecionar, algo que eu sempre gostei de fazer. Nunca fugi de um desafio e mal sabia eu que o maior desafio estaria por vir.

Sempre, desde criança, eu percebia certas dificuldades, que nunca eram levadas a sério. Como não conseguir realizar tarefas simples, ter muita dificuldade em decorar as coisas e perceber que a facilidade, que eu tenho com outras coisas como a questão do visual, fariam tamanha diferença nas concepções das coisas?!

Na escola, sempre era a última a terminar a tarefa: escrevia muito devagar e, por muitas vezes, pegava parte do intervalo. A professora reclamava bastante da minha falta de atenção, que sempre engolia algumas palavras na minha escrita, que não me sentava em momento algum. Na hora de tomar a tabuada, ela dizia que parecia que tinha formiga, onde eu

me sentava e, por diversas vezes, ficava de castigo por esses simples motivos. Não tinha dificuldade com os números, mas eu precisava repetir para dar uma resposta e se o número fosse maior, eu tinha a necessidade de inverter a ordem, senão eu não consigo responder; não tinha as melhores notas, mas sempre estava acima da média. Decorar as coisas, para mim, era uma verdadeira tortura! Quando era seminário e havia apresentações, eu lia, relia e não conseguia decorar, mas meu desempenho em peças escolares era formidável! Não tinha a menor dificuldade em apresentar as minhas falas.

No Ensino Fundamental, eu era bolsista na escola, então, a cobrança era bem maior. Eu tinha que ser o exemplo: não podia ficar de recuperação! Era o tempo todo vigiada. Na nova turma, a escola ficava perto de casa, diria que na mesma rua, lembro-me daqueles paredões enormes, daquelas salas da frente da escola branca com azul. Estudava na melhor escola da cidade, uma escola fundada por alguns pais, com o intuito de levar os alunos em direção à universidade e, por lá, em uma turma de seis alunos, que perdurou da 5ª a 8ª série, eu fui muito feliz! Não éramos a turma mais unida, existia uma pessoa que fazia terrorismo durante todo aquele período. Ela sempre queria se mostrar superior aos demais. Sempre torcia pelo fracasso de todos. Ela manipulava, não a mim, que, para mim, ela nem existia, ela buscava por atenção acho que, por isso, ela me odiava tanto e assim foi meu Ensino Fundamental. No último ano, éramos um grupo de adolescentes em cidade do interior. Montamos um grupo, meu melhor amigo tocava violão, era época das descobertas de como ser adolescente! Nessa época, temos a necessidade de pertencer a algo, a um grupo.

Estava chegando a época de tomarmos novos rumos na nossa vida. Eu morava em uma cidade minúscula, no interior da Bahia, chamada Uibaí. Lá, o Ensino Médio não era cadastrado ainda e meus pais não tinham condições de me mandar para uma outra cidade para estudar. Meu pai é carpinteiro eu mal o vejo em casa! Ele trabalha em outras cidades, quando volta para casa, é no período da noite isso quando ele chegava e não ia direto para os bares. Ele tem problema com alcoolismo, mas não aceita essa verdade. Com 15 anos, foi-me oferecida a sugestão de ir morar na casa de um tio, que eu via, às vezes, nas férias e que nunca tinha visto sua família. Então, naquele momento, eu mudaria a minha vida para sempre.

Eu decidi que iria para Brasília e meus pais não se opuseram. Estudei o ensino médio na escola pública do Cruzeiro, fiz novas amizades. No início, era muito difícil. Era tudo muito diferente: vários estranhos ao meu redor! Ser adolescente não é fácil. Eu me sentia como um passarinho em uma gaiola presa, enjaulada, não podia levar ninguém em casa, não podia ir para casa de ninguém. Tinha que ajudar em tudo dentro de casa e nada para eles estava bom.

Era obrigada a frequentar a igreja e nunca tinha alguém para participar das reuniões escolares, mesmo sendo uma das melhores aluna da escola. Nunca pude dividir aquilo com ninguém, tinha horário para estudar, porque não podia incomodar ninguém com a luz acesa, comecei a usar óculos, pois, enfim, descobriram meu segredo de não possuir uma boa visão, algo que eu já sabia há muito tempo, mas sempre escondi, por medo de ser ridicularizada pelos colegas. Eu me lembro de que meu único sonho, naquele momento, era que o terceiro ano terminasse e, junto com ele, toda a tortura que era viver na casa dos meus tios, um lugar que eu precisava ser grata, mas que tanto me deixava infeliz.

O meu melhor momento era na escola. Lá era meu refúgio! Lá, eu poderia ser um pouco eu. Estava chegando o terceiro ano e, com ele, viria a formatura, pensa, era meu sonho participar! Era um momento único, era algo que era só a primeira etapa. Meu mundo caiu, naquele momento em que me preparava para a escolha do vestibular, eu descobri que minha irmã estava com câncer, Sarcoma de Wilmer.

Naquele momento, as coisas começaram a sair dos eixos na escola! Minha concentração não era mais a mesma eu não conseguia mais assimilar os conteúdos com a mesma facilidade. Química que era a minha maior paixão e se tornou, talvez, a minha maior dificuldade. Eu não conseguia mais entender, é como se naquele momento eu tivesse sofrido um bloqueio. Na casa do meu tio, era um verdadeiro inferno. Queriam que eu estudasse para concurso, não para vestibular. Já no final das aulas, em uma tarde, encontrei com uma mãe desesperada que tinha uma criança que estava na quarta série e que iria reprovar porque nenhum professor tinha o mínimo de paciência com ele. Ele estava de recuperação em todas as disciplinas, ela precisava de ajuda! Foi a partir daquela experiência que eu tive mais certeza do que nunca que eu precisava ajudá-los e foi, por esse motivo, que eu tinha uma única certeza: eu amava ensinar, mais do que qualquer outra coisa! Meu tio odiou, pois não teria quem lavasse a louça depois da janta, que eu precisava de um emprego de verdade, então, eu fizesse um currículo e entregasse em um mercado.

Um dia em meio a uma conversa, ele me perguntou o que eu queria fazer de escolha de profissão, eu falei que Química, ele me falou para fazer Farmácia que Química não dava resultado e nem dinheiro. Eu já estava perdida, eu só precisava de alguém que apoiasse minhas decisões. Eu tinha nota no PAS que seria suficiente para Química, só que eu assinei a redação sendo eliminada. No vestibular que coloquei Farmácia, eu passaria para Química, então, mais uma decepção. Queriam que eu estudasse para concurso, algo que não era meu sonho.

Chegado o dia da formatura, não iria participar, pois minha família tinha problemas maiores e não poderiam pagar. Minhas amigas queriam dividir entre elas o pagamento, algo que não aceitei. Minha melhor amiga desistiu da formatura, pois, se eu não participasse, ela também não iria participei da festa. Então, uma professora pagou o meu ingresso e eu arrumei com uma das minhas amigas um vestido emprestado.

Com muita leitura, tenho a capacidade de lembrar de livros que eu li, quando tinha treze anos, mas não consigo montar uma titulação direito, sei fazer cálculos matemáticos com uma precisão única e, por muitas vezes, nunca consegui analisar um gráfico que, para muitos, fazia um imenso sentido, o que percebo, hoje, com o passar do tempo, é que todo mundo é capaz de aprender, não significa que da mesma forma, e cada um vai precisar de um tempo para que a aprendizagem seja significativa.

Quando eu voltei para a UnB e percebi que muitas coisas não seriam diferentes, percebi que o meu desafio seria ainda maior! Tinha feito diversos exames para conseguir ser reintegrada no processo, passei por uma junta médica, exames esses que não têm um custo barato.

O fato de descobrir que eu tinha um problema que se chama DPA, não me deixava nem por um instante feliz. Em se tratando de uma pessoa curiosa, fui atrás de todo tipo de material para descobrir como lidar com o meu problema.

Ao contrário de muitas pessoas que não se sentem à vontade para falar sobre seus transtornos, eu não me sinto incomodada. Eu não gosto do olhar de pena e da dificuldade que o professores da Universidade, em sua maioria, têm para lidar com o novo.

Quando entrei na Universidade, nos primeiros momentos, eu trabalhei na fábrica escola de Química. Aprendi, necessariamente, tudo na prática sobre controle de qualidade, como fazer, o que aprender, vivenciei a prática de produzir fórmulas. Estudava roteiros, produzia saneantes, envasava, média Ph analítica na prática e, quando fui fazer a disciplina, todo o encanto ficou de lado: a teoria e a prática não faziam sentido! Odiava todas aquelas aulas e as avaliações. Então, onde realmente se encontra o processo aprendizagem? Para começo de história, uma avaliação classificatória tradicional, onde não se conta o ensino e a aprendizagem como processo, sendo excludente, representado unicamente como uma nota, tem sentido?!

Eu sei que a avaliação é um processo importante do ensino, mas quando o aluno consegue ensinar os seus colegas para passarem na prova, mas ele não consegue, pela forma de avaliação, existe alguma coisa muito errada nesse processo e acho que algo teria que ser

feito. Isso se torna muito frustrante, mas frustração é algo que deve ser deixado de lado para que se possa seguir em frente. Cada disciplina, durante o processo, é uma batalha a ser superada!

Relato de tutor e colega de estágio Marco

“Algumas partes da Física necessitam de um certo grau de abstração de quem está aprendendo. Às vezes, para se trabalhar essa abstração, é necessária alguma forma de estímulo. Por exemplo, para se trabalhar ótica, é comum que se use exemplos visuais do que se está estudando, da mesma forma acústica, que é comum que o professor se utilize de estímulos sonoros ou da memória auditiva dos alunos. É um método comum e validado de se ensinar, utilizando a memória sensorial do aluno para trazer a abstração física para mais próximo da realidade dele. Porém, existem momentos em que o aluno não vai ter aquela memória sensorial bem desenvolvida ou, por algum outro motivo, os estímulos não vão fazer sentido para ele. Podem ter vários motivos para isso e, no caso da Milena, com quem tive o prazer de trabalhar junto, o obstáculo para se utilizar esse tipo de técnica é por conta do DPAC, que faz com que usar exemplos baseados em memória sensorial que se utiliza de audição, ou exemplos sonoros, não ajudem e possam até deixar a matéria mais confusa. Essa dificuldade foi percebida nos primeiros exemplos, utilizando o som de uma ambulância para explicar Efeito Doppler, onde Milena me esclareceu que não estava fazendo sentido para ela explicar Efeito Doppler com exemplos do cotidiano que usam fenômenos sonoros. Segundo a mesma, a memória do som da ambulância não fazia sentido, dizendo também que ela tinha dificuldade para compreender a variação de frequência do som, uma vez que ela percebe o som de forma diferente. Com isso, passamos a trabalhar as matérias de acústica sobre outro prisma. A Física se utiliza da Matemática como ferramenta para poder provar e demonstrar os fenômenos físicos, portanto podemos usar a matemática pura como caminho para se explicar a matéria.

A partir de então, a abordagem do nosso trabalho junto, principalmente para a Milena compreender a matéria de acústica, foi utilizar a linguagem matemática e abstração matemática para se explicar os fenômenos físicos. Retornando ao caso do Efeito Doppler, a fórmula matemática é uma razão entre a fonte real e percebida por um observador, proporcional à velocidade relativa entre a fonte do som, a velocidade do receptor do som e a velocidade do som. Esta última razão depende do sentido em que a fonte e o observador

(receptor do som) estão se movendo, se estão indo de encontro um ao outro ou se afastando. A partir do momento em que passei a explicar acústica com uma linguagem mais matemática, ignorando totalmente qualquer exemplo que necessitasse que a Milena se utilizasse de memórias sensoriais relacionadas ao som ou exemplos, foi mais fácil para ela compreender como os fenômenos ocorrem, segundo relato da mesma. Para ela, “observar” os fenômenos físicos através da compreensão matemática pura fez bem mais sentido e foi bem mais efetivo do que se utilizar de exemplos. Daí para frente, todos os tópicos de acústica que falamos foram passados e repassados pelo prisma da Matemática, trabalhando somente a interpretação matemática do fenômeno, as relações de movimento de som, as ideias de frequência sonora, intensidade sonora e daí por diante. Ao final desse percurso, o resultado foi o mesmo de se utilizar o método de estímulo sensorial. Inclusive diria que ter a compreensão matemática do assunto fez com que ela desenvolvesse uma visão muito mais clara de como os fenômenos acústicos funcionam.”

PPNE - Programa De Pessoas com Necessidades Especiais

O Programa do DAC - Decanato de Assuntos Comunitários atende as pessoas com necessidades específicas, tendo como principal objetivo incluir o estudante dando um melhor acesso à Universidade. Ele conta com assistentes sociais, que montam um programa de tutoria, onde o estudante procura seus tutores de acordo com a disciplina: eles podem estar fazendo ou já ter feito a disciplina em questão. O estudante que ajudar o aluno com essa tutoria recebe quatro créditos por disciplina e uma bolsa de R\$ 465,00 no final do período de tutoria. O trabalho desse tutor é de auxiliar o estudante da PPNE com estudo com a disciplina, resolver atividades e o horário é determinado junto com o estudante.

A Universidade conta, também, com um laboratório de informática e salas para atividades específicas para trabalho individual ou em grupo; na hora da matrícula, o estudante da PPNE tem preferência de vaga, tem as cartas que o estudante solicita para entregar aos professores para terem um atendimento diferenciado.

O programa do DAC que atende as pessoas com necessidades específicas foi algo que contribuiu bastante para dar continuidade nessa luta diária que é se formar em um curso de licenciatura. A dificuldade maior é a colaboração dos professores.

Existem muitas exigências em relação à documentação para conseguir fazer parte da PPNE. Eu apresentei três laudos médicos; dois de duas fonoaudiólogas que foram rejeitados e

um terceiro de um otorrinolaringologista que, devido a minha perda auditiva significativa, se enquadra como surda parcial para eu ser aceita no programa.

O meu incômodo é muito grande pelo fato de ver as necessidades das pessoas que têm DPA não serem assistidas por esses programas. O fato de não conseguir processar a informação de maneira significativa de demorar mais tempo que os outros e ser, na sua maioria, taxada de desatenta é deprimente.

Relato da tutora Millene Lopes

“Meu nome é Millene Lopes Ribeiro, tenho 21 anos e sou estudante de Bacharelado em Química na UnB.

A primeira vez sendo tutora com certeza foi um desafio. Não sabia ao certo como funcionava o Programa de Tutoria Especial da UnB e tudo aconteceu bastante rápido desde o primeiro contato com a Milena até o início da tutoria em si. Senti, de início, uma certa insegurança, pois temia não ter a didática necessária para tal função, apesar de já ter sido monitora de uma disciplina também na UnB. Porém, depois de algumas conversas com a Milena fiquei mais tranquila. A partir do momento que entendemos as dificuldades do outro, basta algumas adaptações e autoconfiança para que a informação seja passada da melhor forma possível.

Na minha opinião, o maior obstáculo foi o meio de comunicação. Devido à pandemia da COVID-19, o semestre 2020.1 aconteceu totalmente de forma remota. A tutoria acontecia através de mensagens de texto, e-mails ou chamadas de vídeo: nada ideal já que a resolução de exercícios, quando presencial, é muito mais proveitosa, focada e clara. O simples olho no olho faz toda a diferença. Entretanto, apesar dos empecilhos impostos pela pandemia, conseguimos nos organizar buscando sempre a praticidade e o entendimento dos conteúdos estudados. Um ponto positivo que vale ser enfatizado foi que, desde o começo, eu e Milena nos demos super bem. Em meio às discussões sobre Química Analítica, ríamos de algo bobo ou contávamos alguma história interessante sobre a vida.

A tutoria definitivamente me despertou um interesse maior pela sala de aula. Ajudar o próximo, ainda mais na esfera educacional, traz um sentimento gratificante único que deveria ser, ao menos uma vez, vivenciado por todos na universidade.”

Relato do tutor Jânio Evangelista

“No segundo semestre de 2017, recebi o convite da própria Milena para ser o seu tutor na disciplina de Reações Orgânicas e seus Mecanismos 1. Naquela ocasião, fiquei bastante feliz pelo convite, porém, ao mesmo tempo, me senti desafiado por dois motivos: o primeiro por nunca ter ouvido a falar do Distúrbio do Processamento Auditivo Central (DPAC), o segundo pelo fato dessa disciplina ser uma das mais difíceis do curso de Química.

No entanto, passados alguns dias, aceitei o convite e comecei a acompanhar a Milena tanto de forma presencial quanto remota. Durante esses acompanhamentos, fui percebendo e compreendendo melhor o DPAC, principalmente durante a resolução dos exercícios. Um fato que chamou bastante atenção foi perceber que a Milena em determinadas situações pensava em um conceito correto à luz da literatura, mas fisiologicamente expressava outro por meio da fala, ou seja, havia uma troca de palavras, embora o entendimento estivesse correto, e isso só fui perceber quando passei a conviver mais de perto com a Milena. Isto reforça a importância de o professor olhar com mais atenção a pessoa com DPAC e dar a ela condições melhores de aprendizado, como, por exemplo, um acompanhamento mais de perto durante as atividades escolares e avaliações diferenciadas.

Após 4 meses de acompanhamento, a Milena conseguiu, com êxito, a sua aprovação na disciplina, o que foi muito positivo. Ressalto que a experiência como tutor foi boa não apenas para a Milena, mas para mim também, pois a Milena me ensinou muitas coisas, a principal delas de que toda pessoa é capaz de conseguir seus objetivos e metas desde que seja dando a ela condições justas.”

Relato do tutor e amigo Daniel

“Minha amiga Milena que durante o período de graduação pude acompanhar as dificuldades. Mesmo entre altos e baixos, ela sempre se empenhou em todos os semestres. O que mais me admira nela é que ela veio de outro estado, mais especificamente da Bahia, para estudar e ajudar a sua família, mesmo assim, distante de seus familiares, ela sempre busca o melhor com muita alegria. Clinicamente, ela tem diagnóstico de DPAC, porém, ela é tão aguerrida que isso se torna um pequeno obstáculo. Ela é muito prestativa e também é uma pessoa incrível. Aprendi muito com você também minha amiga, você é uma pessoa incrível. Tenho orgulho de testemunhar sua trajetória na UnB e também poder fazer parte dessa sua história. Mais sucesso a você, Milena!”

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

Quando eu entrei para o Pibid, em 2014, ao retomar por ter sido desligada da Universidade pela segunda vez, eu nunca imaginei que algo seria tão determinante para me ver como docente. Na área de ensino, costumo dizer que esse programa foi o divisor de águas para ter plena certeza que o meu lugar realmente seria a sala de aula.

Foi lá que eu percebi o reconhecimento e a luta diária diante dos processos de ensino aprendizagem, foi naquele ambiente que eu percebi que o desafio de ser educador se faz relevante em qualquer instância, é lá que eles precisam de você como você precisa deles, foi naquele ambiente que percebi a importância de se analisar o contexto em que estamos inseridos e o que podemos fazer para colaborar com uma educação mais ampla voltada para todos.

Na escola pública, eu tive a oportunidade de ajudar os mais diversos públicos de aluno com o Pibid. Eu trabalhei em duas escolas públicas específicas, mais para a periferia do DF e a minha escolha foi ajudar a quem mais precisava. Tive oportunidade de acompanhar o processo de ensino e aprendizagem de perto e trabalhei com atividades extra como se fosse um reforço escolar. O meu interesse em sala de aula era fazer com que aqueles que não se interessavam, aprendessem algo.

Houve um episódio em que o professor me chamou e falou que vários alunos corriam risco de ficarem de recuperação e eu me propus a trabalhar com eles em turno reverso. Então, certa manhã, qual não foi a minha surpresa quando chego em sala de aula e sou abordada por um desses estudantes de baixo rendimento e ele me solta a seguinte frase: professora isso são horas?! Hoje, quando eu saí de casa, minha mãe me perguntou porque eu estava acordado cedo e arrumado, para vir para escola?! Ela disse o seguinte: eu vou ter que conferir, pois você não quer ir nem no horário normal, vou ver se é verdade. Naquele dia, percebi que qualquer pessoa pode aprender o primeiro passo é que alguém acredite no seu potencial.

Eu busco trazer novidades! Aprendi que todo dia é dia de aprender. Eu peguei a mesma aula que o professor explicou em sala de aula. O conteúdo era gases, trabalhei com o mais simples: um secador, balão, coisas que eles conhecem e mostrei na prática o significado. Contextualizei algo que eu aprendi com leitura, mas que, na prática, se torna muito melhor e percebi que obtive, com aqueles meninos, um resultado satisfatório: eles entenderam resolveram os exercícios, conseguiram interpretar. Algo que é bem problemático na sociedade

de hoje em dia é o aluno sabe ler e escrever, mas o ponto que nem sempre eles conseguem atingir é a questão do letramento científico e o famoso analfabetismo funcional.

A aprendizagem significativa, ela acontece de diversas formas possíveis e com metodologias diferenciadas, quando o professor propõe uma situação problema, ele deve estar preparado para diversos tipos de resposta, e a forma de aprender do aluno, quando ele questiona, se torna muito mais eficaz do que se observar, e ver o único resultado como resposta. A ciência, ela é empírica e existe diversas formas para atingir o que se busca, assim é o método científico: a aprendizagem através do erro para conseguir acertar.

Relatos da professora Luciana da escola de Sobradinho

“Milena trabalhou comigo no PIBID, durante os anos de 2014 a 2018 em escola pública de cidade satélite do Distrito Federal.

Dentre as atividades desenvolvidas estão a preparação e ministração de aulas, elaboração de listas de exercícios, elaboração e aplicação de oficinas temáticas, aulas de reforço e tira dúvidas, acompanhamento dos estudantes durante as aulas ministradas pela professora. Por ter Distúrbio de Processamento Auditivo Central (DPAC), Milena apresentava dificuldades na compreensão (consequentemente, também na explicação) e domínio de ferramentas de informática. Contudo, por ter consciência de sua condição, havia sempre uma predisposição para o empenho necessário à boa execução das tarefas.

Milena sempre relatava sua dificuldade junto ao andamento do curso de Licenciatura em Química. Minha percepção sempre foi de que o esforço que ela fazia, bem como o tempo que ela demandava, para apreender o que era necessário em suas aulas na Universidade ou na elaboração do planejamento pedagógico decorrente do trabalho no PIBID, era maior do que os demais bolsistas ou estagiários que acompanhei. E Milena sabia disso, chegando a verbalizar essa realidade e a exaustão e ansiedade que isso lhe causava.

Na escola, enquanto bolsista do PIBID, sempre a percebi muito atenta aos estudantes. Ao acompanhar as minhas aulas, sua postura sempre era de se acomodar junto aos estudantes, geralmente, na parte de trás da sala de aula. Sempre atenta ao que falavam, ao que anotavam e, até mesmo, às suas expressões durante as aulas. Também era comum que fizesse intervenções tanto contribuindo com as explicações do professor, como principalmente, atendendo por iniciativa aos estudantes com dúvidas ou dificuldades.

Logo ficou claro que, se por um lado havia dificuldade em preparar as aulas, organizar slides e conduzir a apresentação de um tema diante de toda a turma, havia uma habilidade clara de compreender as dúvidas dos estudantes, bem como uma extrema facilidade de se aproximar deles e ganhar sua confiança. Muitas vezes, percebia que os estudantes optavam por chamá-la até sua mesa para sanar uma dúvida, no lugar de expor a mesma diante de toda a turma.

Assim, surgiram as aulas de reforço em turno contrário. Milena conseguia captar com facilidade qual era a natureza da dúvida do estudante. Muitas vezes, conseguia perceber se o que gerava a dificuldade era um problema na área da Matemática, a falta de algum conceito que atuasse como requisito prévio, a dificuldade em interpretação de texto, entre outras questões.

Nas reuniões que fazíamos ou mesmo em conversas particulares, começou a ficar claro que, em diversas ocasiões, Milena identifica nos estudantes dificuldades que ela mesma já havia vivenciado em sua educação básica ou mesmo ao longo do curso superior. Assim, ela tinha certa facilidade em propor estratégias de abordagem dos conceitos/problemas que, em sua própria vivência, como estudante, foram assertivas.

Além de compreender com facilidade as dúvidas dos estudantes, o fato de conhecer o sentimento que acompanha quem tem alguma dificuldade no aprendizado, sempre parecia contribuir na relação com estudantes, fazendo com que se sentissem amparados em suas dificuldades. A empatia com que ela se dispunha (inicialmente de forma voluntária e, posteriormente a pedidos) em ajudar, abriu um canal de comunicação muito fluido entre eles. Ela nunca hesitou, inclusive, em trocar contatos pessoais por meio de redes sociais e números de telefone. Ela também sempre foi muito clara quanto à sua condição de portadora de DPAC e das dificuldades que isso lhe causava. Isso também fazia com que os estudantes se sentissem mais à vontade em procurá-la para expor suas vulnerabilidades tanto no que se referia à aprendizagem de Química como, por vezes, vulnerabilidades de ordem pessoal, familiar ou financeira.

O que percebi foi que, nesse processo de acompanhar os alunos de forma individual ou em grupos, Milena se viu na condição de também precisar estudar e rever alguns conteúdos para explicar melhor aos estudantes e que, todo esse processo de troca, além de muito benéfico para os estudantes, trouxe ganhos para Milena. Muitas vezes, eu percebia e, por vezes, ela mesma relatava que dúvidas dela haviam sido sanadas ao participar das discussões em sala de aula e, principalmente, ao ajudar os estudantes.

Ainda durante o PIBID, algumas estratégias foram criadas para auxiliar Milena naquilo em que ela tinha mais dificuldade como, por exemplo, preparar e executar um plano de unidade. Em algumas ocasiões, o que fizemos foi simular a sala de aula entre os bolsistas do PIBID. Nessas ocasiões, Milena ministrava as aulas que planejava para nós (eu e os bolsistas). Nós fazíamos questionamentos e apontávamos possíveis problemas de coerência, estrutura ou organização na apresentação dos temas a serem trabalhados e, assim, além de ela ter a oportunidade de fazer possíveis alterações no planejamento, tinha a oportunidade de discutir os temas conosco e ficar mais segura na hora de apresentar o tema aos estudantes, durante as aulas.

Muitas vezes, também aprendi acerca de conceitos de Química com Milena. O que vejo é que para que ela compreenda um conceito ou temática, precisa estudá-lo a fundo, com uma riqueza de detalhes no contexto de sua construção e multiplicidade de abordagens e enfoques de contato e aplicação dos temas. Riqueza de detalhes e multiplicidade de abordagens que, por vezes, eu não tinha. Assim, por vezes, não apenas no PIBID, como durante o estágio no último semestre em que participou de forma virtual (pois o ensino foi remoto devido à pandemia do Novo Coronavírus), eu aprendi detalhes ou novas nuances acerca de determinados temas, por meio de intervenções da Milena. Nessas ocasiões, ela trazia nomes de cientistas, detalhes históricos ou outras formas de abordagem até então desconhecidas para mim e isso fazia, obviamente, com que a aula fosse enriquecida tanto no momento de sua intervenção, como posteriormente, mesmo sem a presença dela, em aulas futuras, pois me fazia estudar e rever as questões que ela havia trazido.

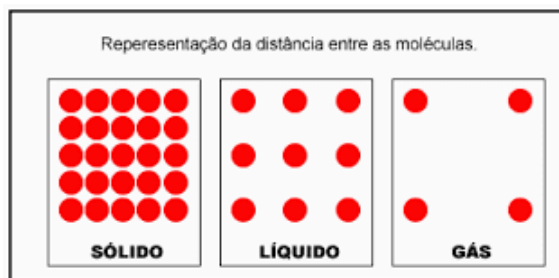
Milena parece ter encontrado, nas dificuldades, boas aliadas no processo de reflexão que envolve a atividade docente. Nesse caminho em que a relação entre ensinar o que aprende e aprender o que ensina é uma constante, a humanização do processo pareceu ser o caminho encontrado por ela. Além do ganho pedagógico, ela conseguiu estabelecer uma relação afetiva com os estudantes e se tornou exemplo para muitos. Essa relação perdura até hoje. Muitos deles entraram na UnB e a alguns ela ajudou já enquanto alunos da Universidade e ainda recebo relatos de alunos dando conta da importância da ajuda e do incentivo que receberam dela.”

Aprendizagem através dos processos

Quando eu descobri sobre o DPA, em 2014, percebi que ela me dava uma diversidade de limitações, existiam certos conteúdos que eu aprendia somente na hora da

prova e, depois, para poder explicar, eu tinha que estudar novamente, como é o caso dos processos endotérmicos e exotérmicos. Eu não consigo aprender! Já tentei por memorização e não funciona. Eu consigo explicar, pois os meus alunos conseguem responder, mas eu não consigo lhe responder como acontece. Todas às vezes, eu tenho que estudar de forma diferente para conseguir memorizar.

Tem um termo que se usa em alguns materiais didáticos que fala o seguinte, as transformações que diminuem a aglomeração entre as partículas (Fusão, ebulição e sublimação) são processos endotérmicos, por exemplo, a fusão que é a passagem do sólido para o líquido eu sei que no estado líquido as moléculas são mais bagunçadas que no estado sólido, até aqui, tranquilo, mas aí vem essa imagem: quando eu falo de aglomeração, eu não falo de muita gente perto, como o sólido é mais organizado e mais aglomerado, esse é um dos problemas que eu tenho que buscar uma saída, pois não faz sentido para meu cérebro.



Porém, as mudanças de fase de agregação como avaliam não somente a temperatura como a mudança de pressão, eu não encontro problema na análise pois envolve o conceito matemático de proporcionalidade, diretamente proporcional, e aí o cérebro já processa que, no caso, se a temperatura aumenta a pressão aumenta, consigo analisar sem problemas.

Outro assunto que é um desafio constante, sempre que necessito aplicar uma aula, é a questão de pilhas. Quando o conceito é matemático, é muito tranquilo entender quem oxida e quem reduz; mas entender que quem oxida é agente redutor e quem reduz é agente oxidante é preciso muita leitura, muito treino, pois parece que, nesse momento, meu cérebro não raciocina.

Se diante da situação, eu ficar nervosa, eu não consigo escutar som nenhum. É como se o meu cérebro entrasse em curto, eu me sinto como se, ao ouvir um rádio, a transmissão estivesse sendo prejudicada por uma interferência.

Certa vez, ao fazer uma prova que eu pensava que tinha ido muito bem. Quando saiu o resultado, a minha nota foi uma catástrofe. Eu tinha acompanhamento de um tutor para a disciplina. Na ocasião, a professora em questão anulou duas questões minhas, uma porque eu

usei um método chamado análise dimensional e ela considerou minha questão errada porque para ela eu havia chutado a questão: a resposta tinha dado certo, mas ela não entendeu o que eu fiz. Na outra questão, eu tinha respondido a mais do que ela perguntou, então, segundo ela, faltou coerência. Ela, naquele mesmo dia, virou para mim e falou que eu precisava de ajuda psicológica, pois ela não conseguia entender como que eu fazia todas as atividades: respondia a tudo que era questionado e não conseguia alcançar uma simples nota. Resultado: eu reprovei naquela disciplina. Aquele foi um dos semestres mais difíceis que eu enfrentei na minha vida. Estava com problemas pessoais e eu cheguei ao ponto de esgotamento físico e psicológico. Eu não conseguia somar dois mais dois. Eu pensei que não conseguiria atingir o equilíbrio novamente, eu entrava em pânico todas as vezes que precisava ir para a aula. Uma vez, eu ouvi de um professor que o problema de ser um mau professor é que, enquanto um mau médico mata um paciente por vez; um mau professor tem a capacidade de matar uma turma inteira.

Quando eu fui preparar a minha primeira aula sobre um tema no Pibid, eu me desafiei com o tema radioatividade e foi um desastre. Tenho os meus problemas com questões básicas nesse conteúdo como colocar a massa atômica dos elementos do lado correto para resolver as questões das partículas. A aula aconteceu extremamente rápida. Eu sabia usar os termos técnicos, tinha conhecimento do conteúdo, mas não sabia da importância da contextualização. Aprendi, no Pibid, como a aula pode se tornar rica e, ao mesmo tempo, mostrar o caminho que a ciência percorre para conseguir alcançar os seus objetivos.

Importante lembrar que a ciência também tem questões éticas que englobam aspectos históricos, ideológicos, financeiros, políticos sociais e o papel da mulher na ciência. Estudar também a história da ciência me ajudou a perceber a ciência por um outro viés.

Tive a oportunidade de trabalhar para uma feira de ciências, onde os alunos, com o auxílio dos monitores, trabalhavam termos científicos mais complexos e ver que, ao contrário do que se acredita na graduação, quando se parte do pressuposto do interesse dos alunos, eles podem aprender e ensinar.

Vimos a dificuldade de se produzir o sabão na prática tendo os conhecimentos específicos da ciência como o Ph e não conseguir produzir e uma senhora que nunca teve uma aula consegue produzir o sabão, o Ph não é o ideal, mas ela faz, utiliza e passa a receita adiante.

Montamos um projeto interdisciplinar sobre o álcool, onde tivemos a colaboração de diversos professores e percebemos a dificuldade que os próprios professores têm em trabalhar

a interdisciplinaridade e entender que não é cada um fazer a sua parte e juntar as disciplinas, precisam conversar. É muito interessante tratar a história do álcool, perceber como ele foi descoberto, ter ideia de que, na literatura, os poetas se embriagavam, e faziam poemas sobre o tema, toda a problemática de ser uma droga que as pessoas possam fazer uso indiscriminadamente, e quantas famílias são desfeitas em meio a esse processo, a questão dos neurotransmissores que são afetados ao longo do processo, o álcool como combustível e o número de acidentes derivado do uso no trânsito; como ele é produzido e os processos necessários para se conseguir.

A liberdade e aprendizado que um estudante de graduação tem, ao participar de um projeto que lhe auxilia no processo de ensino e aprendizagem, é um presente para o educando. Temos a oportunidade de crescimento no decorrer do processo, algo que a universidade ainda é bem distante da realidade escolar.

O conselho de classe, as questões burocráticas e poder observar as situações, fazendo parte da realidade daquela escola é algo único. O professor participa, o professor discute, mas a participação da comunidade, mesmo sendo uma gestão democrática, é muito insignificante. Os pais ainda vão às reuniões, mas participar ativamente das decisões da escola ainda é uma realidade muito distante.

Quando em disciplinas do Ensino de Química em uma de suas atividades teve que se trabalhar o contexto escolar, eu não entendia bem qual o real significado. Acho que a questão é a falta de amadurecimento em relação a alguns temas, quando o professor determinou que tínhamos que escolher uma escola; ter acesso ao Projeto Político Pedagógico, eu pensava que era besteira realmente entender sobre isso. Hoje, a minha visão crítica, no decorrer dos meus estudos sobre educação, percebo o quanto somos ignorantes que, como professores, precisamos conhecer a fundo o papel do professor, a importância que ele e a comunidade têm a respeito da criação de um documento norteador que tem como característica uma abordagem de identidade escolar e que a escola precisa de todos para prosperar.

A educação precisa de mudanças, mas para que ela possa ocorrer todo mundo precisa colaborar. Em meio ao processo de aprendizagem que fizeram com que o meu pensamento evoluísse, eu precisei mudar de escola, pois o professor adoeceu e não poderia mais fazer parte do projeto. Deram-me a oportunidade de escolher uma escola mais próxima e eu escolhi uma outra escola mais distante, que se localizava em Sobradinho. Quando me perguntaram o motivo, eu respondi que essa escola seria um desafio. Nela, havia projetos dos quais eu não gostava, mas que poderia aprender alguma coisa nova que era o uso do moodle por exemplo.

Tenho muita dificuldade com tecnologia e não tenho muito interesse, o que dificulta muito a minha vida.

Ao mudar de escola, a realidade escolar sofreu muitas mudanças, a coordenadora do projeto é extremamente comprometida. Diria que a minha escolha foi pela sua participação nas reuniões semanais do Pibid tamanha era sua desenvoltura, sua paixão pelo ensino, sua vontade de mudar, seus ideais e tenha certeza: foi a melhor escolha que eu já fiz na minha vida.

Tivemos uma reunião inicial onde fui apresentada à escola e à coordenação pedagógica. Ela tinha ideia do meu problema e perguntou se haveria problema de falar em sala, se eu me sentiria constrangida caso ela falasse que ela queria de certa forma incentivar os alunos e mostrar para eles que, mesmo havendo um problema, temos que encará-lo e tirar o melhor proveito da situação.

Nunca tive vergonha de mostrar que eu tenho DPA e, ao ver que esse fato ajudou os alunos a se aproximarem de mim, eu me senti aceita em um processo. Foi uma experiência diferente de várias outras nas quais eu me senti diminuída. Nessa escola e turma, os alunos me olhavam com admiração e respeito. Eu os ajudava e aprendia junto com eles. Por diversas vezes algo que eu não entendia na universidade, eu encontrei respostas na escola pública. Houve conteúdos que eu não tive acesso ou que, ao estudar para ajudá-los, eu aprendia no processo. O ensino é uma via de mão dupla, é uma troca de saberes, onde os dois lados se beneficiam.

Nessa escola, eu tinha liberdade para sugerir alguns processos diferentes para serem testados com os alunos. Eu prestava mais atenção para reconhecer quem precisava mais de minha ajuda, sentava no fundo, processo oposto ao que eu estava acostumada a fazer em sala de aula. Meu olhar de aluna me ajudava a observar atentamente e circulava em sala na hora das atividades. Eu ajudava quem precisava e sentava do lado de quem não fazia, acolhendo-os e ajudando a fazerem. Na minha presença, ninguém ficava parado existem alunos que só precisam de atenção para se sentirem acolhidos, tem alunos que falam pra mim hoje que achava incrível que até quem não fazia nada nas outras aulas, quando eu estava presente, participavam e me respeitavam.

Quando eu lembro disso, entendo que eles faziam, porque eles percebiam que, para mim, eles também importavam. Foi em meio a esses processos que eu aprendi a perceber quem realmente tem algum problema indiferente de ter um laudo para ser inserido no sistema. Se trabalhamos com a inclusão, qual a necessidade de que todos os alunos aprendam igual?!

Trabalhei em laboratório com projetos e com minicursos. Escrevi planos de aula com temas referentes. Toda atividade, antes, era discutida e organizada juntamente com a professora, sempre que ia dar uma aula de determinado tema. Antes, eu apresentava tudo o que eu tinha montado: slide e apresentação, para, depois, eu ir para sala de aula ministrar o conteúdo. Isso me trazia segurança e sempre, depois que terminávamos a aula, a professora nos dava um feedback, acrescentava algo e nos elogiava. O processo era trabalhoso, mas extremamente significativo.

O dever de nós, estudantes, como futuros professores, é, sempre que possível, sair da nossa zona de conforto e buscar técnicas para promover aprendizagens significativas. Aperfeiçoar o nosso ensino é essencial; por isso, a importância da formação continuada do professor. Eu consigo, através dos meus problemas, encontrar soluções e ter um olhar diferenciado para com os outros. Eu consigo entender as inúmeras dificuldades perante os conteúdos ministrados em sala de aula e acabo dando sugestões que são aceitas pelos professores.

Fazer parte dessa realidade, dava-me forças para continuar enfrentando o processo da realidade de estudante universitário, onde cada disciplina se tornava um novo desafio, mesmo fazendo parte do PPNE tendo direito, como é regido no documento, de prova diferenciada, de tempo adicional para se fazer a prova, de direito de matricular primeiramente nas disciplinas. Com cada professor é um processo. Para ser sincera, até hoje houve quatro professores que respeitam as indicações do PPNE. A cada início de semestre, eu, como aluna do PPNE, tenho por obrigação retratar o problema que tenho e conversar com o professor. É perceptível que eles, em sua maioria, não têm a mínima noção nem do que se trata a questão da inclusão. Em algumas disciplinas em que eu tive oportunidade de fazer prova oral, é incrível a minha dificuldade na hora de retratar certos conteúdos. Eu sei fazer o processo, explicá-lo, mas escrever dificulta. Eu, falando, descrevo o processo certinho. Se somente escrever, as ideias nem sempre têm uma significação. É como que se o que eu quisesse explicar não tivesse sido colocado no papel, e isso é extremamente frustrante. Fazer uma prova oral não é mais simples para o aluno, pois, se não houver domínio de conteúdo, o aluno não sai do lugar.

As notas das provas em que tive a possibilidade de demonstrar que eu sabia o conteúdo são bem altas. É uma realidade bem diferente!

Uma coisa intrigante, em meio de todo esse processo, é que os professores que me deram condições diferentes para realizar essas atividades, na sua maioria, não são licenciados.

Nem todas adaptações eram adequadas ao meu caso. Por vezes, eu conseguia tempo adicional, o que nem sempre me ajudava. Por diversas vezes, eu reprovava nas disciplinas, e o que eu podia fazer era buscar, no semestre seguinte, outro professor com a mesma metodologia, onde eu me esforçava ao máximo para me contentar com o mínimo.

Por muitas vezes, vieram consecutivas reprovações. Você, necessariamente, precisa de força para suportar o sistema, de saúde psicológica e mental trabalhada para não se achar o tempo todo alguém que não é capaz de sobreviver àquilo. O que me dava força, em meio ao caos que é o sistema, são os colegas que passam pelas mesmas dificuldades sendo ditos normais.

O aluno da Universidade, para vencer esses processos, ele se adapta. Ele precisa, necessariamente, descobrir maneiras de burlar o sistema: não estou falando de colar e sim sobreviver a determinadas avaliações, pois existem professores que dão uma prova em sala que não tem nada ver o conteúdo aplicado, e, para você passar, primeiro, você consegue a prova; segundo vai ter que reunir com seus amigos para conseguir resolver as questões que são praticamente impossíveis, lembrando que precisa ser condizente com o que o professor quer, não importa se tem significação para você.

Costumamos falar que cada disciplina no nosso curso é um processo seletivo, em que tem uma nova forma de aprendizagem. O que aprendemos estudando em certas disciplinas foi o que nosso colega que faz a disciplina junto com a gente nos ensinou. E o interessante é que, aquela mesma pessoa que tirou o SS na disciplina, se você pedir ajuda, ele não sabe o que fez e não sabe ensinar, mas se vangloria pela sua capacidade.

E são esses alunos sempre citados, elogiados, comparados com os outros por esses professores que acham que, ao reprovar uma turma inteira, o problema é dos estudantes, não da sua metodologia e que ele continua sendo um professor excepcional.

Esse mesmo professor, quando eu fui entregar a carta da PPNE, ele leu e me perguntou como ele me daria uma prova diferenciada que, ao ver dele, seria oral. Se eu tinha problemas de perda auditiva, para ele, não fazia o mínimo sentido. Não tive permissão para gravar as aulas, o que também é uma das sugestões que o PPNE faz. No dia seguinte, fui à secretaria do curso e retirei a disciplina. Sendo o único professor a ofertar, fiquei mais um semestre sem fazer a disciplina.

Quando se é esperto, a gente vai lá e tranca. Quando não é, você irá minimizar seu tempo, reprovar na disciplina e reprovar nas outras, pois não teve tempo o suficiente para se

dedicar ao estudo de todas as disciplinas. Dependendo da disciplina, o tempo mínimo de estudo por dia chega a ser superior a seis horas para que o estudo seja realmente eficaz.

Quando comecei a ter problemas com as disciplinas, uma professora do curso me indicou o SOE - Serviço de Orientação Educacional. Confesso que, durante o período que ia participar das reuniões, voltava muito mais motivada. Lá, além de aconselhar, eles nos ensinavam a montar planilha de estudos para direcionar o estudo e ser mais produtivo.

Quando se é calouro dentro de uma universidade, não sabemos praticamente de nada, não temos hábito regular de estudo e achamos que levar a graduação é como a escola: é praticamente a mesma coisa. Em muito pouco tempo, a realidade nos atinge bem rápido. Muita coisa pensamos que é culpa de principiante de nós mesmos; mas, logo em seguida, a gente percebe que muito conteúdo não foi dado no ensino médio e precisamos dele aprofundado no ensino superior.

Quando eu tive aula de Fundamentos e me foi apresentada a teoria do orbital de valência, eu não conseguia abstrair aquilo de forma alguma; enquanto colegas meus, por terem tido contato com o conteúdo, entendia aquilo como banal. Para aprender algo que hoje eu vejo como tão simples, eu só consegui entender, quando assisti a uma videoaula, na qual o professor ensinava através das mãos os orbitais. Aquele momento foi tão significativo, que eu precisava ensinar para alguém. É incrível a sensação de aprendizagem.

Na Universidade, em uma prova oral, um professor me pediu pra explicar uma teoria. Ele me entregou um pincel e disse escreva o que você quiser nos seu tempo e depois me explique. Eu peguei esse pincel fiz minhas anotações e comecei a fazer todas as observações: expliquei tudo o que precisava. Em seguida, ele me perguntou se eu era da licenciatura; meio encabulada, eu respondi que sim, e ele me respondeu que eu estava no caminho certo, que ele já tem muitos anos de formado e poucas pessoas tinham a desenvoltura e clareza para explicar da forma que eu havia feito. Eu saí daquela sala lisonjeada, pois, de forma geral, são muitas críticas e, definitivamente, quase nunca um elogio, mas, durante esse percurso, vamos nos tornando fortes ou desistindo no caminho, como tantos outros amigos, que abandonam essa jornada que, de momentos motivacionais, tem poucas coisas.

Quando os políticos fizeram de tudo até terminar com o Pibid, pois nada que tem progresso na educação interessa a eles, fizemos de tudo: abaixo assinado movimentos, atos em defesa do programa que mais distribui bolsas para Educação em todo país. Foi reduzindo o número de coordenadores, o tempo que cada pessoa poderia participar dentro do programa e

eu acabei saindo do programa, que me ajudava a me manter dentro da universidade. Precisava buscar outro trabalho.

Estágio Remunerado

Foi por sair do Pibid que eu vi a oportunidade de entrar como estagiária no CECAN, uma escola particular, onde eu trabalharia não só com o ensino Médio, mas, também, com o Ensino Fundamental. No início, eu vinha de uma realidade totalmente diferente, nunca tinha trabalhado com pré adolescentes, um público diferenciado, cheio de energias, um novo desafio.

Com as mudanças da BNCC - Base Nacional Comum Curricular, a parte de Química passou a ser conteúdo desde o 6º ano até o 3º ano do Ensino Médio. Como a escola propiciava um suporte bom, eu tive total liberdade para desenvolver projetos com essas crianças no laboratório. Assim, lá estava eu trabalhando com algo que eu passei a graduação toda reclamando: o famoso registro de aula. Aprendi que é através dele que eu tenho um feedback do que esses estudantes estão aprendendo com as práticas demonstrativas, ou com as práticas feitas por eles.

Na escola, eles eram convocados a participar da monitoria para resolver os erros das atividades avaliativas. Em meio a esse processo, fui observando que os alunos sentiam que estavam sendo penalizados por não conseguirem atingir a nota máxima na prova. Conversei com a coordenadora e resolvi trabalhar os erros no laboratório com o visual; então, convocaria eles para o laboratório, o que, de certa forma, virou um problema, pois eles exigiam serem convocados. Então, ao retornar com a coordenadora e explicar a situação, sugeri o uso de registros para que eles me direcionassem suas reais necessidades.

A ideia inicial era trabalhar principalmente com o sexto ano, que é uma turma com um número significativo de alunos com DPA e isso me daria embasamento para estudo de caso de alunos para desenvolver algo para o meu (TCC) Trabalho de Conclusão de Curso.

Os alunos com necessidades específicas fazem prova em salas separadas. A prova, em si, não é diferenciada, mas eles têm acompanhamento de um monitor que pode ler as questões com eles e o tempo de prova é, necessariamente, mais longo; geralmente, eu era uma das monitoras que trabalhava com isso.

Os alunos se interessam por ciências, principalmente, nessas idades de 11 anos, que é o público alvo do sexto ano. É perceptível a vontade de participar dessas aulas, de falar o que eles observaram, a que conclusão chegaram. Eles tinham uma imaginação incrível e, por

diversas vezes, é surpreendente as saídas oferecidas por eles para resolver os problemas encontrados diante das situações.

Tive oportunidade de trabalhar, com o sexto ano, métodos e separação de mistura: eu os separei em seis bancadas e dei uma situação problema em que eles tinham ido para praia e que todo sal deles havia caído na areia e eles precisavam recuperar o sal com o que eles tinham na mochila. Só precisavam usar a criatividade! Eles queriam arrancar as camisas para usar de coador, queriam ferver a água, queria sair do laboratório pra colocar sal na água. Eles tinham muitas ideias boas que o professor precisa saber aproveitar.

Certo dia em um debate em uma das aulas de educação, um professor da UnB veio dizer que a Universidade é inclusiva. Não vejo o aluno em sala de aula incluído. A inclusão não é um processo simples de acontecer e a sala de aula é onde ele menos acontece. O professor começou a debater comigo, eu me irritei. Acho que até hoje foi a única vez que eu chorei em sala de aula, porque eu sei o que é sentir na pele tudo o que eu já passei dentro da Universidade por ser diferente, por não me enquadrar às normas, por ter que, muitas vezes, ir pra outros campos porque o professor não dava uma avaliação equivalente ao que explicava. Como que dentro de uma universidade, deslocar três vezes de ônibus é mais tranquilo do que as disciplinas com certos professores? O professor terminou a aula e fui embora. No dia seguinte, ele entrou em contato comigo para saber um pouco da minha realidade, e pediu para eu comparecer à Universidade. Conteí um pouco da minha história, ele conversou bastante comigo e me convidou para fazer o TCC com ele, eu recusei, pois já sabia quem eu queria para ser meu orientador.

Experiência como professora em escola Particular

Eu trabalhei de professora de Química em uma escola do Ensino Médio no Valparaíso. Lá, para ministrar aula, não precisa ter diploma. Era uma escola com poucos alunos, com turmas bem pequenas e fácil de se fazer um bom trabalho, com uma equipe pedagógica engajada e com uma colaboração ativa. Confesso que não foi bem o que eu esperava, os alunos, por pagarem a mensalidade, achavam que mandavam na sala de aula: uma falta de respeito.

Como o professor havia saído, eles queriam ensinar o meu trabalho. No primeiro momento, tive muita resistência de uma determinada turma, mas, aos poucos, fui me adequando. Eles fizeram motim, dizendo que não dava uma aula direito, o que depois foi

resolvido, chamando alunos específicos que eram destaque. Dentro daquele ambiente, eu nunca me senti tão desrespeitada, desmotivada, pois eu sempre preparo meu material, reviso. Então, convidei a coordenadora para assistir a minha aula e ela conversou com os alunos na minha frente, e foi a partir daquele momento que, hoje, mais do que nunca, eu tenho certeza que o meu lugar é na rede de ensino pública. É lá que eu sei fazer a diferença e, ao contrário do que se imagina, a gente é tratada com respeito.

Trabalhei nessa escola pelo período de dois anos: apliquei didáticas e metodologias que aprendi nas aulas de educação, minha avaliação foi formativa, minha aula foi contextualizada. Eu trabalhei com jogos e aprendi a trabalhar com os erros dos alunos. Eu usei o registro de aula para ter um feedback do que eles aprenderam ao longo do processo e ter um feedback meu também.

Eu, como professora, aprendi que eu não preciso de um laudo ou retirar o estudante da sala até porque as turmas não chegam a vinte alunos. Eu posso incluí-lo no processo, trabalhando com metodologias diferenciadas. A nota é só uma parte do processo avaliativo e a aprendizagem de cada um se dá de forma diferenciada e ao seu tempo.

Na coordenação, nas reuniões, geralmente, eu tenho problema com o resto dos professores que, por ter um aluno com laudo, é preguiçoso, não se esforça. Então, o que é perceptível é que esses professores, além de não possuírem o mínimo de empatia, não querem ter o mínimo de trabalho, pois a culpa é sempre do aluno. Eles não conseguem ver a responsabilidade que lhes é atribuída.

Algo que é tão discutido e debatido nos documentos da Lei Diretrizes e Base da Educação (BRASIL, 1996) e o professor não quer fazer, são as provas diferenciadas. A maioria dos professores não quer sair da metodologia tradicional, que o aluno tem que se adaptar ao professor e não o contrário. Tais professores ainda se veem no direito de reprovar o estudante sem a mínima consideração.

Como o professor espera evoluir, se ele não quer sair da comodidade em que ele se encontra?! Se não busca se aperfeiçoar no processo?! Não busca uma formação continuada: cursos de aprendizagem, sobre novas temáticas e espera que o aprendizado durante o processo seja contínuo?! Espera que, em meio a tanta tecnologia, o aluno fique preso somente ao livro?! Precisamos mudar a forma de pensar e trabalhar a tecnologia ao nosso favor. Se existem as metodologias ativas, vamos aplicá-las.

No início da Pandemia, o semestre começou e, juntamente com ele, muita novidade, não que essas novidades tenham me deixado menos atarefada! É uma época de menos contato

peçoal, mas as atividades na Universidade e no curso de graduação voltaram com peso e nos sobrecarregando. Durante o processo de aulas remotas, a Universidade decidiu por aulas síncronas e assíncronas. Estou fazendo dois laboratórios durante esse processo, algo que nem de longe me deixa mais confortável dentro do curso.

Não estou tendo acompanhamento de monitores, os colegas do curso, de maneira geral, estão muito preocupados consigo mesmo: uns até se oferecem para ajudar em alguma coisa. Mas, aí, você faz uma pergunta e as pessoas não sabem responder ou não se interessam, o individualismo tem reinado nesse momento, o que dificulta o processo ensino aprendizagem, sem o apoio do PPNE, mesmo sabendo que é mínimo, a situação fica muito mais complicada.

Começo a falar pelo Laboratório de Físico Química. Tenho gostado bastante dos experimentos. Os vídeos são bem curtos e a professora é bem direta, traz uma visão para o social. O problema é que ela não permite gravar a aula e, em meio as minhas anotações, pela fala ser rápida, meu caderno tem ficado bem incompleto. O meu processamento é muito mais lento na frente do computador: preciso voltar diversas vezes e como não tenho como fazer isso, tudo fica muito complicado na hora de fazer o relatório. A problemática é grande, pois o que foi discutido em aula foi a teoria. Eu consigo falar sobre a temática, só que vem os cálculos que temos que apresentar, e a questão é trabalhar com Excel: dê-me uma calculadora e o problema está resolvido. Eu monto um tutorial do que preciso aprender e calcular, a questão é que o Excel é uma ferramenta que estou aprendendo a usar e até aprendi algumas coisas, só que montar as fórmulas dentro da planilha para que os gráficos possam ser montados não é tão simples quanto se espera. Tenho uma amiga que, ao fazer o relatório juntamente comigo, tem me ajudado e ela é muito paciente, mas essa parte eu não aprendo tão rápido e até descobrir a melhor forma de me encaixar a essa nova realidade, o tempo trabalha contra mim.

Eu me sinto como em um grande abismo, como se o professor fingisse que ensinasse e, do outro lado, eu também fingisse que aprendia; mas o importante, na universidade, é no final do semestre ter a nota. Isso me deixa extremamente incomodada. A professora é muito solícita e disposta a ajudar, mas o problema é muito maior. Então, quando procuro por sua ajuda, eu sou prontamente atendida: pergunto as dúvidas gerais, pois eu consigo resolver as questões no papel, entender as fórmulas no papel, mas o Excel não é algo que domino; então, na hora de montar o relatório, eu faço os cálculos no papel e, depois, vou para a calculadora fazer e confiro, juntamente, se os valores têm dado iguais para montarmos o relatório.

Tenho um amigo que, mesmo não sendo meu tutor, me acompanhou em várias disciplinas ao longo do curso. Ele me acompanhava às salas dos professores para que eu pudesse tirar as minhas dúvidas ao longo do processo e, em muitos momentos, ele pôde acompanhar as minhas dificuldades com alguns termos específicos.

Quando se fala de um processo de inclusão, é de se esperar que, ao apresentar a documentação, o aluno não precise se preocupar com mais nada. No entanto, o processo é muito mais emblemático do que o esperado. Primeiro, dentro da Universidade, você tem que entregar toda a documentação necessária ao PPNE. Há um tempo para analisarem e, quando os analisam e lhe consideram com os critérios necessários para poder fazer parte do programa, a aproximação do estudante com o Programa começa. No início de cada semestre, o aluno recebe um e-mail em que deve comparecer ao PPNE para requisitar em quais disciplinas você terá um tutor. Seguindo determinados trâmites dentro do processo, o aluno tutor receberá uma bolsa no valor de 450 reais, além dos créditos da disciplina e, para que possa se tornar tutor, precisa não ser aluno provável formando, não ter reprovado nenhuma disciplina no semestre anterior e já ter feito a disciplina ou estar cursando. São muitas regras a serem vistas, o que, em alguns momentos, causam certos problemas, porque, em um curso de exatas, muitas pessoas não estão dispostas a ajudar o outro, e, quando alguém quer ajudar, não pode, pois são tantas exigências que o tutor não consegue preencher os requisitos.

Foram diversas disciplinas em que eu acabei sem ter, realmente, um tutor durante o processo e outras que até consegui o tutor, mas ele era inviável devido às exigências contidas no documento.

Diante desse processo de ensino e aprendizagem que afirmo que as melhores notas não significam verdadeiramente um aprendizado significativo. Por diversas vezes, por não ter opção, escolhi os tutores pelo desempenho acadêmico e posso afirmar, com propriedade, que os considerados melhores alunos, por terem as maiores menções, se revelaram os piores tutores, pois sabiam muito para si ou na hora de fazer a prova, mas que não sabiam ensinar. Foram tutores que nos deixavam com mais dúvidas. Então, eu acabava desistindo da disciplina ou do tutor ao longo do processo e preferia tentar suprir essa dificuldade sozinha.

Quanto às cartas que solicitamos para entregar aos professores no início do semestre, essas, por sua vez, geram situações delicadas: primeiro, o aluno tem a necessidade de conversar com o professor, expondo sua situação e as reações são as mais variáveis durante o processo. Alguns conversam com você e procuram ajudar; outros, no entanto, é perceptível que não têm a mínima ideia de como reagir durante a interação.

Mesmo sendo um documento gerado pela Universidade, eles se sentem no direito de dizer que aquilo não tem como ajudar. Também ignoram as especificidades da sua condição, pois são capazes de lhe falar que: se você consegue fazer todos os exercícios, o fato de que, na prova, você não tem o mesmo desempenho é devido a algum bloqueio que você adquiriu e que você precisa de ajuda de um psicólogo.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE

No contexto da inclusão há dificuldade de saber como proceder sobre algo que não é de conhecimento de todos. É preciso criar e fazer adaptações para que o processo de ensino e aprendizado seja mais igualitário, não restringindo a um único grupo sem se importar com o processo de todos.

Quando, dentro de uma universidade pública, ao entrar em um curso de licenciatura, se percebe a exclusão dentro da sala de aula, você percebe que muito ainda precisa ser feito.

Ao viver a experiência de precisar provar a minha capacidade, considerando que só existe uma forma que seja adequada pelo professor em sua avaliação formativa, sendo representada através de um único tipo de avaliação, não dando importância para o aprendizado, sendo o aluno representado por um número e uma nota, sinto-me perplexa.

Um dos principais motivos que escolhi esse tema é para dar voz àquelas pessoas que não tiveram uma oportunidade ou que acabaram por desistir do curso por não se sentirem capazes de terminar uma graduação devido ao tempo que precisariam para se adaptar dentro do sistema do ensino, seja na graduação ou na escola.

Por ter corrido atrás do processo que é estabelecido dentro da Universidade, através de vários documentos, para comprovar que, de fato, eu, além de ter DPA, sou considerada surda parcial, eu adquiri sensibilidade para perceber que, mesmo sendo diferente, não existe uma única forma de se aprender e que, às vezes, não aprendemos da mesma forma.

Para fazer essa análise, usei minha própria narrativa e relatos dos monitores, professores e tutores que me acompanharam ao longo dos anos em que permaneci dentro da universidade. Ressalto que as minhas narrativas retratam a minha história e toda a minha luta para conseguir formar no curso de graduação.

O que almejo é que, através desses relatos, a pessoa que analisar esse trabalho consiga observar os caminhos que possam conduzir os alunos para a inclusão. Entendo que para que a Educação aconteça é necessário que as pessoas aprendam.

Muitas vezes, é necessário um pouco de paciência e um certo cuidado com a forma com que as palavras são ditas. Tem uma frase, sempre citada nas aulas de Licenciatura em Química, que eu sempre levo comigo, frase dita por um professor que é a

seguinte: um médico quando é ruim, mata um paciente por vez, um professor quando é ruim tem a capacidade de matar sonhos de uma turma inteira.

Ao escolher fazer o curso de Química, eu nunca pensei que haveria tantos empecilhos ao longo do caminho; só que, quando se tem a oportunidade de fazer o que se ama, que é ensinar, passamos a perceber que não é simples ensinar e não é tão fácil aprender! Ser professor significa que nem sempre o jeito que você escolhe ensinar vai conseguir contribuir para que todos aprendam, e é necessário, por diversas vezes, observar e ter a percepção que se não está dando certo a culpa não é do aluno e que precisamos ter humildade para assumir que se o resultado não foi alcançado, precisamos voltar e fazer diferente.

Diante das constatações, observadas por mim, durante a minha aprendizagem e dos meus alunos, são necessários métodos diferentes de aprendizagem, como a aprendizagem por experimentação, que consiste em trabalhar com experimentos simples, mas que explicava, visualmente, dúvidas sobre os conteúdos, facilitando a aprendizagem; a aprendizagem por desafios, onde se trabalha de acordo com o contexto da realidade do aluno; a aprendizagem por jogos, que faz com que o aluno entenda e, por haver competição em alguns deles, ele busca aprender mais.

Pude contribuir com a aprendizagem de diversos alunos que eu acompanhei dentro da sala de aula. Eu percebi que minhas intervenções surtiram efeito. Entendi que, ao participar de programas como o PIBID, ser estagiária em escola particular ou aulas de reforço com crianças e adolescentes que possuíam o mesmo déficit ou outros que se enquadram dentro Educação Especial, que é defendida dentro da LDB (BRASIL, 1996) e da Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015), eu tive a oportunidade de aprender a ser Professora de todos os alunos.

Percebi que, se não podemos levar um aluno no laboratório, isso não significa que não possamos levar os experimentos até eles. É necessário dedicação para se fazer diferente, para motivar. Quando conseguimos enxergar os alunos e mostramos que eles também nos ensinam, nos motivam, eles se sentem importantes e, muitas vezes, até sua postura muda ao decorrer do tempo, contribuindo com o aprendizado.

Aprendi a trabalhar com registro de aula, com narrativas, com tabelas, com interpretar várias fontes diferentes e ver onde ocorreram as minhas falhas. Aprendi que nem tudo eu sabia e que precisei desenvolver maneiras de estudo e que eu, acima de tudo, precisava de disciplina, para que o aprendizado se tornasse significativo. Aprendi

que a minha fala, ao explicar um conteúdo, é melhor do que quando eu escrevo, e não porque é mais fácil falar, mas aprendo e consigo explicar melhor quando falo.

Em síntese, esta pesquisa e aquelas citadas aqui evidenciam que é preciso que os professores olhem as necessidades de seus alunos de forma a auxiliá-los a superar suas dificuldades ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciaram trabalhos de pesquisa sobre o DPA, foi percebida a dificuldade de aprendizagem e o tempo, relativamente, maior que era gasto para que conseguissem atingir a perspectiva de aprendizagem e para que ela se tornasse, de fato, significativa.

Neste trabalho, constato que o objetivo pessoal foi atendido, a partir do momento em que, durante o processo de aprendizagem, eu descobri que existiam outras formas para que eu pudesse aprender e lidar com expectativas. Mesmo com as reprovações que fizeram parte da minha trajetória dentro da universidade, eu, de fato, estou conseguindo me formar no curso de licenciatura.

Foi verificado que eu preciso de mais tempo para processar as informações e que, quando eu faço uma atividade em que eu possa responder oralmente e, em seguida, possa colocar no papel, o meu rendimento é superior, mas que nem todos os professores entendem dessa forma, e justificam que, ao fazer esse procedimento, eles estão facilitando e que não é justo com os outros colegas.

O objetivo pessoal de conseguir chegar ao almejado diploma foi atingido com sucesso, mesmo que eu tenha precisado modificar muita coisa ao longo do caminho. Não é à toa que estou a escrever o TCC para finalizar esse processo. Sei que, mesmo por diversas vezes, ter pensado em desistir, apareceram pessoas que me encorajaram a continuar.

O objetivo pessoal de conseguir ajudar pessoas que possuíssem a mesma dificuldade que eu tive pelo processo. Durante o período que participei de programas, como o PIBID, eu fui capaz de ajudar jovens a acreditarem em si. Perceber que, mesmo sendo uma caminhada árdua, quando eu dizia que tinha o DPA, eles me olhavam com admiração e foi por isso que, mesmo quando dentro da Universidade por muitas vezes não fui notada, eu penso que se eles acreditaram em mim, eu precisava também acreditar!

Foi através desse amor que, durante a minha trajetória, eu me sentia na obrigação, não só comigo, mas por eles, pois eu sei da pouca representatividade que temos e sei da minha vontade de poder dar voz a essas pessoas que se sentem, por muito tempo, inferiores. Sei que, dentro da sala de aula, eu posso ajudá-los. Não é um processo simples, mas é algo que, mesmo com todos os desafios, eu estou disposta a tentar fazer a diferença, pois eu sei como eles se sentem. Nosso maior obstáculo é admitir que somos diferentes e que podemos ensinar as pessoas a acreditarem mais em seu potencial.

Quando se passa por toda essa trajetória em que você é percebida como um problema, dentro da Universidade, ou mesmo na sala de aula, e que, por diversas vezes, você é considerada um número ou uma nota, quando se escolhe ser professor, mesmo não conseguindo alcançar a todos, é sua responsabilidade e dever fazer um bom trabalho. Aquele aluno que tira as melhores notas, quase sempre não precisa do professor, a diferença precisa ser feita para aquele que, por algum obstáculo, não consegue acompanhar e que, quando tira uma nota boa, diz: eu conseguir melhorar, então, eu não sou burro, só preciso de mais tempo.

O objetivo que, de fato, mais me incomodou, durante a trajetória do trabalho, foi o de mostrar que a aprendizagem possui diversos formatos, principalmente dentro da Universidade para os professores. De maneira geral, somos capazes sim de aprender. Os professores precisam deixar de viver nesse processo engessado, no qual só se aprende se for de acordo com o método aplicado por ele. Porém, também foi perceptível que alguns professores têm vontade de fazer a diferença e que, inclusive, aceitam o desafio e que estão abertos à mudança.

Então, de acordo com o esperado, a hipótese foi aceita, pois, para que possamos fazer algo diferente, há uma necessidade de que a educação, mesmo que a pequenos passos, possa ser modificada.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M.F. Avaliação audiológica no primeiro ano de vida. In: LOPES FILHO O. Tratado de Fonoaudiologia. 2ª ed. São Paulo: Tecmedd; 2005.

BARRETO MASC, Muniz LF, Teixeira CF. Desempenho da habilidade de resolução temporal em crianças de 7 a 13 anos. Rev Soc Bras de Fonoaudiol. 2004; 9(4): 220-8.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A.S.R.. Metodologia Científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

Bellis TJ. Auditory processing disorders: it's not just kids who have them. Hear J. 2003;56(5):17-8.

BELLIS T.J. Interpretation of central auditory assessment results. In Bellis TJ. Assessment and management of central auditory processing disorders in the educational setting: from science to practice. San Diego: Singular Publishing Group; 1996. p. 167- 294.

BIANCHI. Lana. Neurociência: As novas rotas da educação. 24 de janeiro de 2012. Disponível na Internet via Googleo. Acesso em: 04 de dezembro de 2020.

BLOOM S. Technologic advances raise prospects for a resurgence in use of auditory training (cover story). Hear J. 2004;57(8):19-23.

BRASIL. Diretrizes Operacionais do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília, 2009.

. Câmara CC, Pereira LD, Borges ACLC. Teste de escuta dicótica de dissílabos – SSW – em crianças com e sem evidências de problemas escolares e/ou alteração das habilidades auditivas. Fono Atual. 2004; 7(30):4-13.

CANTO, Cleunisse R. de L.; KNABBEN, Mylene Saturnino de B. Introdução ao processamento auditivo. Virtus, Tubarão, 2002.v.2, n.1, p. 323-334, DELORS, Jacques. Educação um tesouro a descobrir: relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2000.

COMERLATTO, Ademir Antônio Junior. Conheça o DPAC – Distúrbio do Processamento Auditivo Central. Reportagem atualizada em 06/04/2016. <http://www.adap.org.br/site/index.php/artigos/161-conheca-o-dpacdisturbiodoprocessamento-auditivo-central>. Acesso em: 05de fevereiro de 2021.

DPAC [Desordem do processamento auditivo central]. Direção: Rafael Figueiredo. Produção: Christovão Paiva. Roteiro: Marcela Morato. Rio de Janeiro: Canal Saúde Fiocruz, 2016, 1 vídeo, MPEG-4,(26min03s), son., color. (Ligado em Saúde). Disponível em: <http://www.canal.fiocruz.br/video/index.php?v=DPAC-LES-1863>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2021.

DELEUZE, G. Foucault, São Paulo: Brasiliense, 1988a.

_____. O que é um dispositivo? Disponível em: <http://vsites.UnB.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.pdf>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2021.

_____. & GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.I. São Paulo: Ed.34, 1995.

FERNANDEZ, Alícia. A inteligência aprisionada. Tradução: Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRA, Ludimila Aires. A Criança Com Transtorno de Déficit de Atenção: O que Acontece depois da Medicação?. Especialização em Psicopedagogia. Clínica e Institucional. Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PED. - Universidade De Brasília. 44p. Disponível em: http://bdm.UnB.br/bitstream/10483/6089/1/2013_LudmilaAiresFerreira.pdf. Acesso em: 09 de janeiro de 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FOZ FBA. (Re)-evolução tecnológica e o aprendizado da leitura e da escrita. Fono Atual. 2002;5(22):5-7. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n4/a16v13n4.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

FONSECA, T. M. G. & KIRST, P.G. Cartografia e devires: a construção do presente. Porto alegre: UFRGS, 2003. FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. Sobre a História da sexualidadel. In: MACHADO, R. (Org.). Microfísica do Poder. RJ: Graal, 1999g, pp. 243-276.

_____. “Sobre a geografia”, In: MACHADO, R. (Org.). Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p.153-165.

_____. “O sujeito e o poder”. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. M. Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

_____. “Outros espaços”.In: FOUCAULT, M. Ditos e escritos. Vol.III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p.411-422.

GIMENES VD, Pereira LD. Teste de padrão tonal de duração e frequência sonora e habilidade grafofônicas. Pró-Fono. 2002;14(2):205-14.

GIL, Antônio Carlos. Estudo de Caso: fundamentação científica, subsídios para a coleta e análise de dados, como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

JESUS, D. M. “Inclusão escolar, formação continuada e pesquisa-ação colaborativa”. In: Baptista, C. R. (Org.). Inclusão e Escolarização: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 95-106.

. Katz K, Wilde L. Tratado de audiologia clínica. 4a ed. São Paulo: Manole, 1999. Capítulo 32, Desordens do processamento auditivo. p. 486-98.

KANDEELL ER, Schwartz JH, Jessell TM. Fundamentos da neurociência e do comportamento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1997. p. 520- 30.

KOZLOWSKI L, Wiemes GMR, Magni C, Silva ALG. A efetividade do treinamento auditivo na desordem do processamento auditivo central: estudo de caso. Rev Bras Otorrinolaringol. 2004; 70(3): 427-32.

KOZLOWSKI, L. A Percepção Auditiva e Visual da Fala. Rio de Janeiro: Livrariae Editora RevinterL.T.D.A, 1997 . 107p.

MUNHOZ, Marcela. Distúrbio do Processamento Auditivo prejudica o aprendizado. Diário do Grande ABC. São Paulo. 2011. Disponível em: <http://www.dgabc.com.br/Noticia/132735/disturbio-do-processamento-auditivoprejudica-aprendizado?referencia=buscas-lista>. Acesso em 15 de janeiro de 2021.

MUSIEK FE, Gollegly KM. Maturational considerations in the neuroauditory evaluation of children. In: Bess H, editor. Hearing impairment in children. Parkton (MD): York Press; 1988. p. 231-50.

NICHOLS, Michael P.; SCHWARTZ, Richard C. Terapia Familiar: Conceitos e Métodos. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, C. S. N. R. Distúrbio do Processamento Auditivo Central – DPAC In: SAMPAIO, S.; FREITAS, I. B de. Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades especiais. Rio de Janeiro: Wak, 2011. p. 119-126.

PEREIRA, Liliane Desgualdo; SCHOCHAT, Eliane. Processamento auditivo central: manual de avaliação. São Paulo: Lovise, 1997.

PEREIRA & CAVADAS- Processamento Auditivo Central- Em Frota S.- Fundamentos em Fonoaudiologia - Audiologia. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1998. 180p. PEREIRA L. D, SCHOCHAT. E. Processamento auditivo central: manual de avaliação. São Paulo; Lovise; 1997.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SCHETTINI, Regina Céli; ROCHA, Tereza Cristina de Mendonça; ALMEIDA, Lúcia D. de Moraes; colaboradora: MENDES, Monique Olivieri. Distúrbio do Processamento Auditivo: o que é?: orientações aos pais e professores. 2 ed. Ribeirão Preto, SP: Book Toy, 2011.

SANTOS, M.F.C.&PEREIRA, L.D. Escuta com dígitos. In: PEREIRA, L.D. & SCHOCHAT, E. Processamento Auditivo Central - Manual de avaliação. São Paulo, Lovise, 1997.p147-49

SANTOS RM, Toffoli MB, Cardoso APB, Drumond GP, da Rosa DA, coordenadores. Pedro na casa mal-assombrada: desenvolvendo habilidades auditivas. Manual do usuário. Ribeirão Preto: Book Toy Brinquedos e Livros; 2006.

SCHOCHAT E, Carvalho LZ, Megale RL. Treinamento auditivo: avaliação da manutenção das habilidades. Pró-Fono. 2002;14(1):93-8.

VAN Vliet D. In audiology, as in life, technology is necessary, but it's not enough. Hear J. 2005;58(9):88-9.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Tomo Cinco: fundamentos de defectología; trad. Carmen Ponce Fernández. – Madri, Espanha: Pueblo y Educación, 1989.